



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GIZELMA DIAS DOS SANTOS

**CRIANÇAS DO BAIRRO-COMUNIDADE JARUMÃ ABAETETUBA- PA:  
SOBRE SIGNIFICADOS, COTIDIANOS E A CULTURA DO LUGAR**

ABAETETUBA - PA

2023

GIZELMA DIAS DOS SANTOS

**CRIANÇAS DO BAIRRO-COMUNIDADE JARUMÃ ABAETETUBA- PA:  
SOBRE SIGNIFICADOS, COTIDIANOS E A CULTURA DO LUGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado a Faculdade de Educação e  
Ciências Sociais (FAECS) da Universidade  
Federal do Pará, Campus de Abaetetuba,  
como requisito parcial para a obtenção do  
grau de Licenciado Pleno em Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Campos  
Pojo Toutonge.

ABAETETUBA - PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

S237c Santos, Gizelma Dias dos.  
Crianças do bairro-comunidade Jarumã Abaetetuba-PA :  
sobre significados, cotidianos e a cultura do lugar / Gizelma  
Dias dos Santos. — 2023.  
68 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2023.

1. Crianças. 2. Saberes. 3. Lugar. I. Título.

CDD 370

---

GIZELMA DIAS DOS SANTOS

**CRIANÇAS DO BAIRRO-COMUNIDADE JARUMÃ ABAETETUBA- PA:  
SOBRE SIGNIFICADOS, COTIDIANOS E A CULTURA DO LUGAR**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado a Faculdade de Educação  
e Ciências Sociais (FAECS) da  
Universidade Federal do Pará, Campus  
de Abaetetuba, como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Licenciado  
Pleno em Pedagogia

Data de aprovação: \_\_\_ 06 \_\_\_ / \_\_\_ 07 \_\_\_ / 2023 \_\_\_

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Eliana Campos Pojo Toutonge – Orientadora  
Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Profa. Msc. Maria de Jesus Ferreira Ferreira  
(SEMEC, Abaetetuba)

---

Profa. Msc. Magali Pinto Gouvea  
(Universidade da Amazônia - UNAMA)

ABAETETUBA – PA

2023

## **AGRADECIMENTOS**

O mundo acadêmico é cheio de desafios e aprendizados. O conhecimento muda histórias, nos abre novos horizontes. Esses anos foram de muitas lutas e, também, de vitórias e aprendizados adquiridos. Sou grata por tudo! E começo agradecendo ao meu Deus por ter guiado os meus passos, e ter me permitido chegar até aqui. O que seria de mim sem o seu amor!

Agradeço a minha família: Maysa Dias, William Dias, e Miguel Santos e aos meus irmãos, minha mãe e ao meu pai pelas vossas orações e por estarem sempre ao meu lado. Por poder viver momentos de felicidades com vocês nesse mundo sombrio onde o afeto está banalizado.

A minha eterna gratidão, a querida professora Eliana Campos Pojo Toutonge, por ter me permitido participar do seu grupo de pesquisa, e por ter compartilhado conhecimentos, me ensinado a trilhar o caminho da pesquisa. Minha eterna gratidão!

Agradeço as pessoas que residem no bairro-comunidade Jarumã que contribuíram de forma direta e indireta, se disponibilizaram a me ajudar na construção desse trabalho. Os diálogos e conhecimentos compartilhados nesse processo, foram de grande contribuição para mim.

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e as suas circunstâncias” (FREIRE, 1979).

## **RESUMO**

O presente trabalho trata dos saberes das crianças da bairro-comunidade Jarumã, com foco no tripé criança-lugar-cultura, considerando seus sentidos, brincades e convívios no cotidiano comunitário por esses sujeitos. Refletimos sobre as crianças na direção de compreender os processos heterogêneos produzidos culturalmente por sujeitos infantis na perspectiva de dar visibilidade a vida concreta delas. Para isso, recorremos a autores Brandão (2015, 2007, 1997), Pojo (2017), entre outros; mais um ensaio empírico baseado nos pressupostos da etnografia, utilizando a observação, o registro fotográfico e entrevistas com crianças e adultos moradores do bairro-comunidade jarumã. Como resultamos, apontamos que as crianças desse bairro-comunidade possuem saberes imersos num mundo infantil amazônico próprio. Também, as crianças são regidas pela cultura local, que dizem respeito às ações, a linguajares, a regras cotidianas etc. Saberes que são ensinados e transmitidos dentro da cultura local e os pequenos, e assim captam um modo de vida vivido em interlocução com o adulto. Por fim, fica a ressalva da importância disso tudo à escola para a construção dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Crianças; Saberes, Lugar.

## ABSTRACT

The present work deals with the knowledge of children from the neighborhood-community Jarumã, focusing on the child-place-culture tripod, considering their meanings, games and socializing in the daily life of these subjects. We reflect on children in order to understand the heterogeneous processes culturally produced by children's subjects in the perspective of giving visibility to their concrete life. For this, we resorted to authors Brandão (2015, 2007, 1997), Pojo (2017), among others; yet another empirical essay based on the assumptions of ethnography, using observation, photographic records and interviews with children and adults living in the jarumã neighborhood-community. As a result, we point out that the children of this neighborhood-community have knowledge immersed in their own Amazonian children's world. Also, children are governed by the local culture, which concerns actions, language, everyday rules, etc. Knowledge that is taught and transmitted within the local culture and the little ones, and thus captures a way of life lived in dialogue with the adult. Finally, there is the exception of the importance of all this to the school for the construction of subjects.

Keywords: Children; Knowledge, Place.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO 1. COMUNIDADE, PRÁTICAS SOCIAIS E AS CRIANÇAS</b> .....	16
1.1 Sobre o cotidiano do bairro-comunidade.....	16
1.2 Práticas Sociais comunitárias.....	20
1.3 As crianças do bairro-comunidade.....	24
1.4 A escola.....	27
<b>CAPÍTULO 2. CONVÍVIOS, INTERAÇÕES E BRINCARES DE CRIANÇAS</b> .....	30
2.1 Sobre interações, brincares, brinquedos e círculos de cultura.....	33
2.2 Os saberes e/das crianças.....	39
2.3 Os brincares .....	46
2.4 Mais um pouco do brincar e do “mundo das crianças” .....	50
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	54
<b>ANEXO 1 - TERMOS DE CONSENTIMENTOS</b> .....	55
<b>ANEXO 2 – ROTEIROS DE ENTREVISTA</b> .....	57

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, foi desenvolvida junto com as crianças do bairro-comunidade<sup>1</sup> Jarumã, cujo objetivo foi mapear os saberes que entrelaçam aspectos sociais, relações familiares e escolares, modos de vida comunitária, a partir do mundo da criança. Através dos sentidos e dos significados das suas práticas culturais cotidianas atrelado à cultura do lugar. Ademais, trazer as vozes das crianças, porque ainda persiste um certo silenciamento e assim, nos conduzindo a pensar em questões, de ordem social, familiar e educativa sobre elas. Como se constituem as infâncias no bairro da cidade de Abaetetuba? Qual o significado de infância no bairro-comunidade Jarumã? Como vivem as crianças residentes desse bairro-comunidade? Quais as brincadeiras desenvolvidas por elas? Que saberes elas possuem?

Convém informar que meu contato com a temática se deu de, no primeiro momento, ouvir falar sobre pesquisa/pesquisador e tive curiosidade em conhecer esse campo. Logo, conheci o grupo de pesquisa *De Bubuia Amazônica* coordenado pela professora Eliana Pojo, e assim tornei-me voluntária de iniciação científica PIBIC/voluntário. Diante disso, este trabalho teve início no ano de 2019, que esteve integrado ao projeto de pesquisa<sup>2</sup>: A Circularidade do saber em territórios rurais no município de Abaetetuba-PA: o ensinar-aprender de crianças pela diversidade e cultura, sob o Plano de Trabalho “Gapuiando saberes com crianças da Amazônia paraense: diálogos entre diversidade e cultura”. Ainda, parte dos dados colhidos na pesquisa em 2019 foram utilizados deste trabalho de conclusão de curso.

A pesquisa teve como lócus o bairro-comunidade Jarumã, por ser uma localidade que possui traços rurais, no início da pesquisa pensava-se que a localidade era rural, mas no decorrer descobrimos que se trata de uma localidade bairro, localizado no km 03 da PA 409, Abaetetuba-Pará. A pesquisa limitou-se ao entorno do posto de saúde, perpassando os dois ramais e chegando ao campo de futebol que fica na frente da pista, próximo à escola Adriano Rodrigues Cardoso. Buscou investigar os sentidos e os significados de crianças de 06 a 07

---

<sup>1</sup> Jarumã, nome de identificação indígena. Bairro-comunidade devido o dilema de suas marcas identitárias de uma ruralidade amazônica.

<sup>2</sup> Desta empreitada de pesquisa gerou um artigo científico como a temática: Interações e modos de brincar de crianças da comunidade Jarumã, Abaetetuba-Pa (no prelo), a ser publicado no e-book do grupo de Pesquisa sobre Criança e Infância (GRUPECI).

anos de idade, destacando seus brincades, seu modo de viver a infância, com sua família e no bairro-comunidade.

Convém, inicialmente, conceituar criança e infância. Na idade média, as crianças eram vistas como adulto em miniatura que seguiam os passos da pessoa adulta, trabalhar, desenvolver funções na vida e no trabalho (GONÇALVES, 2015). A partir do século XVII no período do renascimento acontece os primeiros movimentos de separar adultos e crianças, no primeiro momento, isso se deu, através da escolarização, sendo que, o ensino se dava de modo conjunto: adultos e crianças desenvolvendo as mesmas atividades escolares com os mesmos objetivos; capacitá-los de forma técnica para o mundo do trabalho. É nesse período que acontece os primeiros movimentos em relação ao conceito de criança (GONÇALVES, 2015).

Ainda, a igreja teve um papel fundamental dentro desse processo, por ter reconhecido a inocência que existe na criança e associar a imagem delas a dos anjos, afirmando que, “refletiam inocência e pureza, e eram favorecidas por Deus devido a sua singeleza e suavidade, que se aproxima da impecabilidade, impondo uma necessidade de amar as crianças, e tornou a educação delas obrigatória” (GONÇALVES, 2015, p. 03) O fim deste século foi considerado o marco no reconhecimento sobre a criança – infância. É nesse período que começa a reconhecer a fragilidade da criança, suas necessidades, suas peculiaridades, tendo -se um olhar mais sensível sobre a formação moral destas.

Somente no século XVIII, as crianças começam a ser reconhecidas em suas particularidades, a serem vistas. Começaram a ocupar um espaço maior no meio social. Nesse momento, também, surge os primeiros passos em busca do direito da criança, logo, ela começa a ser importante, apreciada por sua família e a infância é reconhecida como uma época da vida merecedora de orientação e educação.

A partir do século XXI as crianças ganham outro status, são amparadas por leis e estatutos que as garantem direitos, direitos que nem sempre, na atualidade são garantidos.

A pesquisa voltou-as a olhar as crianças do bairro-comunidade Jarumã, uma localidade que possui característica rural, mas que na realidade é um bairro a alguns quilômetros da cidade. No bairro existe uma escola com demanda infantil de crianças de 06 a 07 anos de idade (foco do estudo).

A investigação buscou compreender as verdades existentes no convívio diário das crianças no bairro, com foco no tripé criança-lugar-cultura, situando os saberes transmitidos através da linguagem bem como os brincades das crianças.

O brincar “é uma atividade própria da criança e, a vida para elas está relacionada ao brincar, por isso, elas brincam e aprendem brincando, portanto, pela ação” (LUCKESI, 2015, p. 133) isso se dá, no cotidiano e na interação entre pares e na vivência de saberes traduzidos por esses sujeitos.

Sobre a interação, Brandão (2015, p.114) afirma que “a todo momento, nós mais variados lugares e nas mais diversas situações, pessoas e grupos de pessoas em interação estão fazendo e partilhando saberes e fazeres”. Nesse sentido, as crianças constroem e experienciam um mundo à parte, sedimentado dentro do mundo dos adultos, pois os pequenos veem os objetos e os sentimentos de maneira peculiar, diferente do significado do adulto. Logo, a cultura não é mera reprodução do que fazemos ou pensamos, mas sim, reprodução simbólica daquilo que aprendemos e acreditamos e incorporamos internamente, isto é, “pensamos a partir de nós mesmos e de nossas vivências do cotidiano, dimensões através das quais uma cultura opera em nós” (BRANDÃO, 2015, p.114).

Desse modo, a cultura é parte de nós seres humanos, através dela nos representamos na sociedade, e concordando com Brandão (2015) vimos que a cultura está imbricada em nós desde o primeiro dia da nossa existência. Consequentemente, os saberes são construídos ao longo de vivências no meio em que estamos inseridos, nossas escolhas e atitudes são de grande relevância, pois operam em nós e para nós. E, a partir da cultura. Na cultura.

Como referencial teórico a pesquisa se firmou nos pressupostos do autor Brandão (2015) que diz, que os indivíduos se desenvolvem nas interações e situações entre grupos e pares na “prática do fazer-agir-pensar que é ao mesmo tempo pessoas, interativo, grupal, comunitário” (p.114). Segundo o autor as pessoas, especialmente as crianças, através do fazer cotidiano (brincar e interagir) aprendem da cultura do grupo a qual está inserida, como por exemplo aprende a gostar de determinada comida, aprende a se vestir, a cuidar da higiene pessoal, aprende como viver na rotina, entre outros. Dessa forma, as

atitudes e as ações desenvolvidas são representações da cultura evidenciadas através de símbolos culturais. Diz esse mesmo autor:

Entre vida coletiva se impõem a pequenas determinações biológicas de sua relação entre sujeitos pensante gera uma lenta passagem do conhecimento, para o conhecimento simbólico. Se durante muitos milênios para sugerir ao filho uma estrela o pai tinha que esperar a noite e apontar para uma delas, veio o tempo em que ao meio-dia ele poderia pronunciar algo como “taug” e os dois estavam pensando em estrela primeira não há símbolos e é difícil saber e transferir o saber; depois eles dizem, são sinais; finalmente representam, são símbolos, a morada do saber humano (BRANDÃO, 2006 p.08).

Sendo assim, no meio social os saberes são repassados, transmitidos, socializados pelos sujeitos, os quais circulam dentre e para além da cultura a qual se está inserido. De outro modo, através da construção do saber ao longo da trajetória humana se pôde representar o mundo através dos símbolos.

As crianças do bairro-comunidade Jarumã não acontece diferente, os saberes são construídos entre as gerações, os avós passam aos filhos, estes repassam aos netos, fazendo de fato acontecer o que Brandão (2015) intitula como a circularidade do saber na sociedade; “[...] o saber surge e circula” enquanto possibilidade criativa do humano aprender “uns com os outros e uns entre os outros, culturalmente” (BRANDÃO, 1997, p.14). Logo, o conhecimento pressupõe a interatividade dos sujeitos no exercício de suas práticas sociais. É importante dizer que esse processo não ocorre de forma linear, mas de forma circular e interativa.

A pesquisa dentro da abordagem qualitativa com foco nos saberes das crianças, cujo ensaio foi dirigido pela linhagem da etnografia. Segundo Brandão (2007), Fonseca (1998) esse tipo de trabalho exige do pesquisador ter um olhar dirigido para poder “[...] ver-se naquilo que já pensava conhecer, ou seja, naquilo que aparenta ser tão igual ou comum”, causando o estranhamento, assim como nos possibilitando o enriquecimento da investigação que nos educa.

Conforme nos orienta Brandão (2007), a pesquisa se deu de modo lento, sem invadirmos os espaços que não era nosso. Assim, num primeiro momento realizamos visitas e andanças na localidade para conhecermos os espaços e as atividades das instituições e grupos familiares. Por isso, buscamos estabelecer relações cordiais e de amizade, depois de alguns meses se iniciou a recolha dos dados, através de instrumentos próprios. Foram, a observação participante realizada a partir de roteiros pré-estabelecidos, com objetivo de captar questões

relevantes sobre a vida da criança. Ainda, nos voltamos para entender a vida familiar bem como o número de famílias existentes na localidade e, em especial, a dinâmica sociocultural das crianças organizada/registrada num caderno de campo que foi parte importante na recolha dos dados.

Também, usamos gravadores e câmera fotográfica, no caso as fotografias e os desenhos “tornam a informação visual um momento de encantamento dos sentidos e dos significados [...] e ela tem, com ou mesmo para além das palavras, o poder de tornar visível os cenários da vida e do desejo (BRANDÃO, 2014, p. 40).

Desenvolvemos entrevistas e rodas de conversas com roteiros pertinentes a cada grupo de participantes, sendo eles educadores, crianças captando os saberes dos sujeitos sociais, verdades ditas por eles de acordo com as suas vivências no cotidiano.

Cabe dizer dos participantes da pesquisa. Foram quatro crianças, as quais contribuíram com suas vozes, saberes e vivências.

Quadro 1 - Crianças participantes da pesquisa

Nome	idade
William da Silva mesquita	07 anos
Kaike da Silva	07 anos
Luciana Vitoria de Sousa	06 anos
Vinícius dos Santos	06 anos

Fonte: Pesquisa de campo, 2022. Elaborado pela autora do trabalho.

As crianças residem no bairro e foram nos situando de suas interações entre grupos e pares. Afirmaram seus saberes nas conversações e no cotidiano. Desenvolver a pesquisa com crianças foi um desafio, porém, foi gratificante. Brandão (2007) enfatiza, que o trabalho de campo é “dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas” (p.12), nesse sentido, descobrimos verdades e nos encantamos com jeitos e formas de transmitir suas verdades as pessoas.

Além das crianças também tivemos a contribuição de alguns adultos da comunidade, conforme consta no quadro a seguir:

Quadro 02- Adultos que participaram da pesquisa

Nome	Ocupação	Idade
Joaneide Ferreira maués	Coordenadora pedagógica	42a
Lucidalva S. Vilhena	Camelô	39a
Manuel Lobato	Aposentado	76a
Priscila da Silva	Estudante	15a
Vania Vasconcelos Lobato	Servente	55a

Gracilêa Pinheiro Dias	Soldadora	38
Maria Rosilda Cardoso Valente	Funcionária pública	55a

Fonte: Pesquisa de campo, 2022, elaborado pela autora do trabalho.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma. Um primeiro capítulo enfatizando as práticas sociais do cotidiano do bairro-comunidade, em especial as vivências das crianças no cotidiano. O capítulo II, evidencia as brincadeiras e interações das crianças, nos convívios entre pares e com os adultos. Nas Considerações Finais relatamos os aprendizados construídos no processo com as crianças, refletindo, ainda, sobre a importância da escola nesse processo.

## CAPÍTULO I

### COMUNIDADE, PRÁTICAS SOCIAIS E AS CRIANÇAS

Este capítulo tem por objetivo evidenciar as práticas sociais do bairro-comunidade Jarumã, considerando as vivências das crianças do/no/com o lugar. Por entender que, os grupos sociais possuem saberes e práticas, que enaltecem a cultura local com seus costumes, histórias, desafios e lutas.

Brandão (2015) em seu livro “*Nós, os humanos. Do mundo à vida da vida à cultura*”, enfatiza, que no decorrer dos milênios o *homo* passou por longo período de evolução, assim saltando por etapas do conhecimento do “[...] sinal ao signo, e dele ao símbolo e do símbolo ao mundo da cultura” (p. 03) e dessa forma somos e habitamos hoje. Evoluiu-se em conhecimento, saber, e se aprendeu a buscar e cultivar os próprios alimentos, produzir e reproduzir cultura.

Também, se aprendeu a caçar, a criar e cultivar, a dividir as tarefas dentro do coletivo, o que facilitou a cooperação, o viver em grupo, a partilha. Logo, a evolução humana, criou “[...] seres vocacionados a uma interação entre a necessidade de busca do novo e a curiosidade diante do não conhecido” (p. 39) desta feita temos a característica humana atual.

Isso se deu através da

[...] passagem da caça-e-coleta [...] para o domínio de agricultura de cereais, a humanidade salta com “a revolução neolítica” da pré-história para a história, de uma vida social centrada em pequenos bandos errante de caçadores-coletores, para as primeiras comunidades de agricultores, os seres que viriam a construir as primeiras cidades [...] (BRANDÃO, p. 40, grifos do autor).

E assim, o ser humano foi tornando-se um ser com consciência do saber, aprendendo com o meio natural, com a natureza e, também, “[...] uns com os outros e uns entre os outros, *culturalmente*” (p. 42), portanto, o saber cultural só foi possível porque o *homo* passou por longos períodos de evolução, aprendendo uns com os outros, até chegar na forma de sociedade que temos hoje.

O mesmo autor (2015, p. 347-348, grifos do autor), ao falar da organização social foram tomando posse e assim as “[...] sociedades que ocupam territórios, socializam restritamente com a natureza, relacionam-se com os outros grupos tribais, enfim, realizam-se, fora da ou à margem da *sociedade* regional e de sua melhor representante: a cidade”. É o caso do bairro Jarumã, que vive ainda o dilema de marcas identitárias de uma ruralidade amazônica, mas que na atualidade se encena um bairro-comunidade.

Certamente, que as ditas as comunidades tradicionais possuem tipo e forma de organização cotidiana, nas vivências, nos códigos de linguagem, na vida cultural cotidiana, que emite das gerações que antecedem. Isso só é possível pelo fato de o homem produzir e reproduzir cultura. O indivíduo organiza o meio de sobrevivência, e transforma de acordo com as suas necessidades de permanência no espaço, no qual está inserido, e através dá transformação e conhecimento ele vai se completando como ser social cultural. Brandão (2015) enfatiza, vivemos no mundo e o que prevalece sobre nossas relações em teia são “sistemas de valores” e “códigos de relação”, que rege as ações desenvolvidas. E assim, através do conhecimento acumulado os saberes são repassados as outras gerações e reproduzidos gradativamente.

Sobre tais questões, ou melhor a cultura do bairro-comunidade Jarumã que nos debruçamos. Especialmente sob o olhar das crianças, detidamente os seus saberes e visões de viver na localidade, descrevendo os sentidos e os significados de suas práticas culturais presentes no cotidiano, nas ações banais rotineiras que, estão carregadas de significados de uma cultura específica, local, de processos identitários de grupo comunitário.

## **1.1 Sobre o cotidiano**

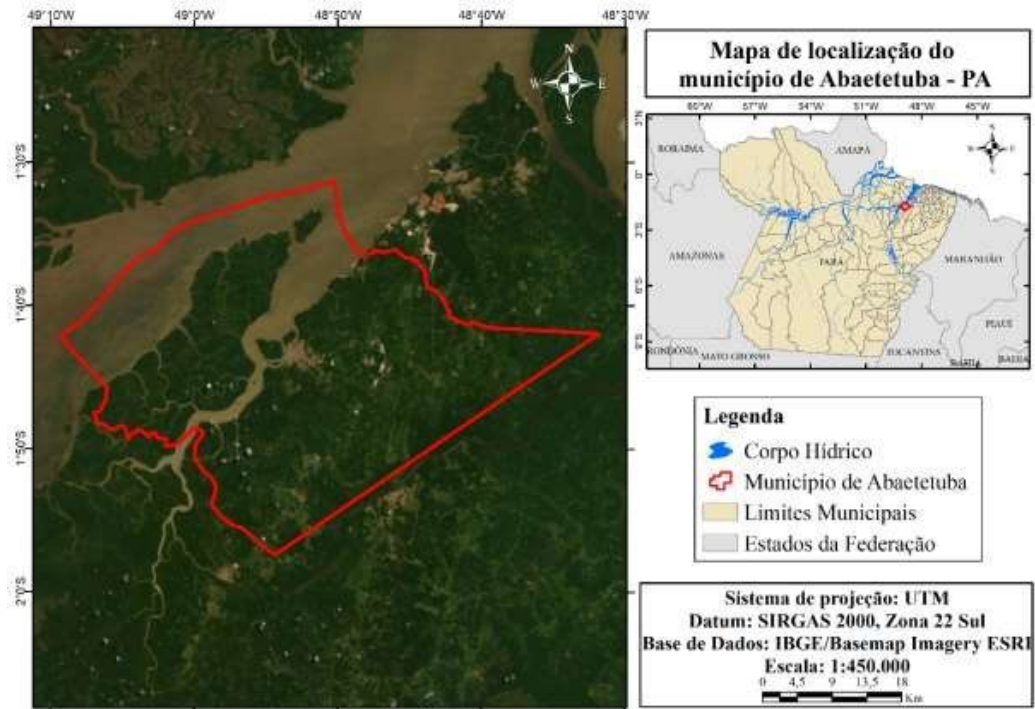
Fotos - 1 a 6 – Fragmentos do cotidiano



Fonte: Gizelma Dias, 2020.

As imagens nos trazem o cotidiano do bairro-comunidade Jarumã; integrante da área urbana da cidade de Abaetetuba. Abaetetuba é considerada uma cidade de médio porte, que fica localizada à margem direita do rio Maratauíra, seu nome provém da língua tupi guarani significa “Terra de homens fortes e valentes” (PREFEITURA DE ABAETETUBA, 2023). Uma cidade eminentemente rural e tipicamente amazônica representada por matas, florestas, rios, furos e igarapés, tornando-se assim uma localidade com característica agrária. Sua composição territorial abrange bairros, áreas dos ramais e estradas, mais a região das ilhas (POJO, 2017).

Figura 01- Mapa do município



Fonte: Éverton Costa, 2021.

Logo, o bairro Jarumã fica localizado no km 03 da PA 409, estrada que dá acesso à Vila de Beja, no município. No âmbito territorial, ele faz fronteira com o bairro Santa Clara e com o Ramal São Judas Tadeu. Segundo Lobato (2018, p. 24), “Sua fundação se deu com poucas famílias, em torno de 20, que vieram das ilhas e começaram a povoar o lugar”, nessa época segundo este autor viviam poucas famílias na localidade, as quais organizavam seu sustento a partir da produção de carvão, da pesca, do plantio de frutos como banana, cana e açaí. A mobilidade era mais complicada e os moradores se deslocavam por caminhos e pelo rio Jarumã. Segundo alguns moradores antigos que residem no local, os caminhos eram feitos por eles mesmos e, também, usavam barcos para transitar de um lugar para o outro e para pescar.

Podemos dizer que atualmente, o bairro-comunidade Jarumã, possui um cotidiano de um bairro, cujos moradores ainda têm a lembrança, a memória de uma localidade que anos atrás era considerada uma comunidade rural, e que hoje é denominada de bairro. Segundo os moradores, hoje, trata-se de uma comunidade que ganhou o título de bairro, por questões políticas e sociais. Na visão de alguns desses moradores, foi assim nomeada pela prefeita<sup>3</sup>, para atender a ordem do governo estadual que exigiu a mudança, visando que o

<sup>3</sup> Francionete Carvalho, gestão do ano de 2013

município fosse inserido no projeto “Minha casa, minha vida<sup>4</sup>”. Dizem que a mudança foi feita sem o diálogo com eles e, isso trouxe perdas, como a de até hoje as ruas terem nomes de ramais<sup>5</sup> e sem asfalto, conforme imagem acima, Vale ressaltar que desde sua fundação até no ano de 2015 possuía o título de comunidade rural, o que os moradores consideram mais proveitosa devido os vários benefícios sociais como aposentadoria como agricultor.

Houve muitas mudanças como podemos perceber. Nos ramais que antes eram caminhos, hoje são ruas, algumas com asfalto outras não. E os moradores, principalmente, os mais antigos do lugar, vivem nessa relação de dupla convivência, de bairro-centro-urbano e de uma comunidade-bairro com ritmos de “interior”. No depoimento a seguir, podemos perceber falas recheadas de saudades de um tempo de outro tipo de convívio.

*Antigamente, nós tínhamos espaços de terra, mato para brincar, fui privilegiada! Eu podia me distrair. Acompanhava a minha mãe quando ela saía para fazer algo no mato, como era de costume das famílias naquela época. Nesse período tinha muito espaço de natureza, igarapés, hoje não existe mais, eles foram aterrados para fazer ruas. Foi em um igarapé desses que eu aprendi nadar, eu aproveitava muito um igarapé que tinha perto de minha casa. Eu pegava um braço de aningueira e servia para ser minha boia, e assim eu aprendi a nadar (Rosilda Cardoso, entrevista em 2022).*

Esta interlocutora da pesquisa traz a saudade de um tempo recheado de experiências e vivências do dia a dia, bons momentos vividos nos espaços e que hoje, estão totalmente modificados pelo poder público e pelos moradores. *No começo da comunidade existia mais natureza, era apenas os caminhos que serviam para gente andar. Nós usávamos também o rio Jarumã para chegar até a comunidade. Era tudo diferente* (Rosilda Valente, entrevista realizada em 2019).

Ainda, e a mesma moradora assim se manifesta:

*Esses espaços que hoje são ruas eram igarapés que serviam para brincar na época de nossa infância. Nós tomávamos banho o dia todo, com a maré cheia. Hoje está tudo mudado! Na minha época de crianças, os terrenos eram sem muros dava pra ir pra casa do vizinho brincar com as outras crianças, hoje não é mais possível* (Rosilda Valente, entrevista realizada em 2022).

Atualmente, as crianças ao invés dos igarapés, brincam nos ramais que foram aterrados e, também, servem para a locomoção dos moradores, porque

<sup>4</sup> Projeto do governo federal que beneficia famílias carentes para comprar casa própria.

<sup>5</sup> Na área de abrangência da pesquisa existem quatro ramais que são: Ramal Monte Alegre, Ramal São Miguel, Ramal união e o Ramal Jarumã.

os espaços mudaram no decorrer dos anos interferindo entre tantas coisas, também na vida cotidiana das pessoas, das crianças. Alterou assim, as vivências e os brincares, como buscamos situar adiante.

A população residente na localidade é de aproximadamente 2.000 famílias, sendo que em torno de 250 são crianças e adolescentes, este quantitativo foi informado por moradores, a agente comunitária de saúde e a coordenadora comunitária durante a pesquisa de campo.

Convivem com a presença de ações religiosas de duas igrejas evangélicas e a igreja católica São Miguel Arcanjo. Destaca-se ainda, o lazer que acontece por meio do futebol em dois campos, além do lazer do balneário Lago Azul, mais a vida comercial com a presença de vários bares, mercearias e nas residências. Conta ainda com um posto de saúde São Miguel que supre a necessidade dos moradores no atendimento básico de saúde.

Na atualidade os moradores dão conta do sustento da família através do trabalho autônomo atuando como moto taxistas, comerciantes, vendedores de lanche, camelôs entre outros. Outros, trabalham em empresas que ficam localizadas na cidade de Abaetetuba, Barcarena e Moju. Há, muitos que são aposentados e outros estão vinculados a benefícios provenientes do governo federal, como auxílio Brasil etc.

No tocante aos condicionantes rurais de vida e produção podemos destacar o cultivo de algumas árvores frutíferas como a banana, o mamão, a cana de açúcar, açaí, jambo que é cultivado pelos moradores somente para o consumo.

## **1.2 Práticas Sociais comunitárias**

De acordo com Brandão (1997) as ações do cotidiano, desenvolvidas pelos grupos sociais possuem sentidos e significados. Porque como afirma este autor vivemos os sentidos tipo cantar uma música, em que as notas e letras trazem para nós sentimentos e significados que são vividos por nós. As práticas sociais estão internalizadas nas ações no cotidiano, através do desenvolver e partilhar saber e fazer através da interação entre grupos. Assim, as práticas sociais são desenvolvidas através da escala de “*prática do fazer*” onde as pessoas aprendem umas com as outras o saber sobre algo em específico com cultuar a um Deus, aprender determinada oração, jogar uma partida de futebol,

dançar uma música, sentar à tarde para apreciar o pôr do sol. Dentro dessa escala está a “*ética do agir*” que provém da aptidão que o indivíduo construiu através do saber adquirido, que lhe dá entendimento para saber como agir. As práticas sociais são dadas na cultura social desenvolvida pelos grupos.

#### Segundo Brandão (1997)

Dentro dos grupos sociais tudo o que fazem, como: expressar a fé, as brincadeiras de crianças no dia a dia, os costumes corriqueiros, as práticas culturais cotidianas, os alimentos que consomem, as formas de organização social, são ações que ensinar, são ritos, são aulas de decodificação da vida social, são memórias e ações que representam as identidades dos grupos humanos (p. 18).

Logo, a cultura está internalizada nas ações que se desenvolvem no lugar. Pela cultura se educa, nos educamos. E nesse sentido, as práticas sociais são diversas, como exemplo, a forma peculiar de viver o dia a dia, se sentar aos fins de tarde em família e amigos na frente das residências para apreciar o pôr do sol, e o findar do dia, o que moradores dizem ser jogar conversa fora. *Nós ficamos aqui à tarde jogando conversa fora*, ou seja, conversando sobre a vida corriqueira diária, sobre questões da vida e da rotina diária.

Fotos 7 e 8 - Campo de futebol



Fonte: Gizelma Dias, 2022.

Outra prática social que movimenta, são os jogos de futebol desenvolvidos diariamente pelos moradores e por pessoas que vem de fora da localidade para participar. Essa prática é exercida pelos homens e pelas mulheres, e em dias e horários específicos<sup>6</sup>. Sob esta prática integra-se o fazer das crianças de entretenimento e convívio, porque enquanto os pais jogam sua partida de futebol, meninos e meninas de diferentes idades estão aos arredores do campo desenvolvendo brincadeiras diversas, escolhidas por elas naquele

<sup>6</sup> Acontece todas as quarta-feira, sexta e sábado a partir das 16h.

momento, outras se sentam na beirada do campo para observar os adultos jogando, outras andam de bicicletas.

Fotos 9 e 10 - Crianças andando de bicicleta



Fonte: Gizelma Dias, 2022.

Nas partidas de futebol, participam os moradores, e pessoas que vem de outras localidades. Há, os que vem apenas assistir as partidas. É um momento de lazer, tanto para as crianças como para os adultos. No bairro existem dois campos de futebol que são denominados de campo da frente e campo de trás.

Na prática do jogar futebol adultos e crianças interagem; aprendizados e ensinamentos estão em circulação; valores e conflitos estão em processos. Da parte dos infantes, estes aprendem de uma partida de futebol com suas regras e as formas de se comportar nas margens do campo. Por exemplo, alguns adultos impõem às crianças que não podem andar, nem correr no campo enquanto à partida estiver sendo desenvolvida. Só é permitido correr, brincar no campo quando os adultos não estiverem ocupando o espaço. Assim, quando chega o momento delas, nos intervalos do jogo dos adultos, ou quando eles não estão usando o campo, elas aproveitam correm e se divertem no espaço sem medo e sem regras, são elas que fazem as regras nesse momento.

Tomando as significações acerca do cotidiano e suas práticas, Brandão (1997, p. 18), denomina de rito, “aulas de codificação da vida social e da recreação”, como a prática de apreciar à tarde todos os dias, jogar futebol em dias alternados, pois são símbolos e simbolizados pelos participantes/praticantes. São memórias e processos identitários do grupo humano sendo construídos, e que se encontram imersos nas diferentes ações do “[...] cotidiano da cultura: aparentemente espontâneas e desorganizadas [...]”

(BRANDÃO, 1997, p. 18), em que as pessoas representam e ensinam, como as práticas que podemos chamar de ritos.

Foto 11 - Centro comunitário São Miguel Arcanjo



Fonte: Gizelma Dias, 2022.

Nesse sentido, a religiosidade é mais um exemplo. O centro comunitário São Miguel Arcanjo (imagem acima), traz essa denominação religiosa católica, sendo também parte da prática social do bairro. Neste centro acontece as festas religiosas do padroeiro, festejado anualmente na terceira semana de outubro, momento que os fiéis se reúnem no centro comunitário para cultuar e fazer suas preces ao santo, como forma de gratidão pela bênção alcançada. Os moradores que frequentam a igreja católica também costumam mandar seus filhos para que participem da catequese aos sábados. Atualmente, segundo a coordenadora da igreja, Vania Vasconcelos, participam 30 crianças e 15 adolescentes, em momentos de ensino dos dogmas da igreja.

Outra atividade dessa igreja é a ladainha, sendo uma prática comunitária desenvolvida às sextas-feiras na residência de um morador específico. No momento da reza, o São Miguel Arcanjo, uma vez por semana, é levado em peregrinação pelo bairro. Assim, o santo vai ficando na casa dos moradores.

Foto 12 - Igreja Evangélica, Assembleia de Deus



Fonte: Gizelma Dias, 2020.

Outra entrada religiosa é da igreja evangélica Assembleia de Deus que exerce um papel dentro do bairro, com cultos e festas religiosas. Os cultos acontecem todas às quartas feiras, sextas feiras e domingos. No decorrer da semana os fiéis se reúnem para cultuar e agradecer a Deus pelas bençãos recebidas. Convém afirmar que as crianças são levadas pelos familiares para participarem também. Para estas, existe um momento específico denominado de Escola Bíblica de Férias (EBF), que são encontros que ocorre no mês de julho em que as crianças aprendem sobre os dogmas do cristianismo. Participam em torno de 15 a 20 crianças, da EBF.

Em suma, as práticas sociais desenvolvidas pelas pessoas que residem no bairro, são construções interativas, como exemplos existe o jogar futebol as tardes pelas crianças e adultos, a participação na igreja para exercer a fé, sentar às tardes na frente das residências para apreciar o pôr do sol, as crianças aproveitam para suas atividades brincantes nos ramais todos os dias, que tecem a convivência e a interação presentes no cotidiano.

### 1.3 As crianças

Na localidade existe em torno de 250 crianças, parte delas estudam na Escola de Educação Infantil e Ensino fundamental Adriano Rodrigues Cardoso.

As crianças do bairro Jarumã vivem a vida. Seu dia a dia acontece dentro da localidade, pelos ambientes familiar, escolar e comunitário. Na vida familiar

se relaciona com toda uma rotina diária que os integrantes de sua família e regras comuns. No âmbito escolar elas participam da escola buscando conhecer outras possibilidades de conviver e adentrar ao mundo como um sujeito apto a viver em sociedade e, quando adulto cumprir suas obrigações sociais.

No aspecto comunitário elas estão apenas para viver suas verdades como integrantes desses espaços de vivência, são sujeitos desses espaços e que fazem parte das relações sociais que ali são desenvolvidas. Tais relações nos leva a pensar a vida condicionada a realidade local, perpassando por um cotidiano, brincante, interativo, programado, aprendente informalmente por sujeitos-crianças. Tais relações dizem da escola todos os dias, do conviver com familiares e vizinhos, de uma comunidade em dinâmicas recíprocas, da interação com o outro, viver a vida e se sentir pertencente do espaço onde habita.

Entendemos que as crianças se produzem e produzem culturas infantis a partir de relações cotidianas desenvolvidas com seus pares e com adultos no dia a dia. Essas vivências são cruciais para o seu desenvolvimento humano.

No cotidiano familiar elas convivem com familiares como pai, mãe, irmãos, tios, avós, com variações de parente em cada unidade familiar. As crianças do bairro, são crianças comuns que vivem o dia a dia na simplicidade, movem-se na característica do ser criança: transparente, sem rodeios ou meias palavras, curiosas, inventivas, arteiras. Brandão (2015a), alicerçando-se em estudos interacionistas, discorre sobre características das crianças.

**Um sujeito interativo “para dentro e para fora” como um alguém que aos poucos vai se tornando quem é, e em quem se transforma,** como um ator ativo e progressivamente consciente de suas interações com os seus outros dentro e ao longo de momentos, de situações, de cenários e de cenas socioculturais (p.101). (grifos meus).

Ou seja, pode-se dizer com base no mesmo autor, que as crianças:

[...] **vivem formas próprias de realizações da vida** como sistemas de símbolos e de significados, de gestos e de estruturas de interação que [...] recriam e experimentam dentro do mundo de vida e de culturas que são as nossas, as dos mundos sociais do poder dos adultos [...]. (grifos meus). (BRANDÃO, 2015a, p. 111).

São sujeitos que gostam dos

**Lugares das utilidades dos adultos** “esses lugares” é o puro lugar da gratuidade infantil: [...] para elas a brincadeira, a interação é melhor nos fundos dos quintais com árvores, cantos escondidos, e de trastes velhos; os pomares onde é mais saboroso “roubar frutas” do que ganhá-las; os sótãos e os porões; os quartos- de -despejos. (BRANDÃO, 2015a, p. 112., grifos meus).

Baseado também nas minhas memórias infantis marcadas com itálico, posso dizer que criança *ama aventura, de dizer verdades, de viver de verdade*. Preferem suas brincadeiras no quintal, porque lá, elas podem experimentar travessuras, como pegar uma fruta do quintal do vizinho sem ser vistas pelos adultos. O entanto, para o adulto essa atitude é errada, mas, para as crianças é *uma aventura uma brincadeira que causa satisfação*.

Segundo Brandão (2015a) “bagunça” e algazarra” são maneiras infantis e de adolescentes de serem criativas e de dar ao mundo uma outra ordem” (p.112) *a ordem que desagrada ao adulto*. Crianças são sujeitos condicionados aos “ritmos do corpo e do passar natural do dia, “são regidas pela vocação cultural do brincar” (p.112); um sujeito que “significa e ressignifica as coisas do meio de acordo com seu interesse; que compartilha “seus iguais em imaginação e fantasias, “mundo de finge” pequeno intervalo cuja realidade operativa gera gestos e emoções” (p.113). *Sujeito recíproco* que vive o “círculo de vida” na relação familiar, com aqueles que habitam no mesmo espaço de moradia e nos espaços para além deste. *Sujeito interativo*, que desenvolve *laços afetivos* (BRANDÃO, 2015a), criados por ele próprio na vida corriqueira das brincadeiras do cotidiano, que “transmuta-se na recíproca obrigação de criar uma unidade cultural de vida para fazer algo que passa a dar sentido à própria convivência” (p.115). Sujeito que transita entre os grupos de convivência social, criando relações de afinidade.

Elas coordenam o tempo do brincar com entusiasmo e agilidade. Dizem suas verdades e pontos de vista a partir do mundo infantil. Criam ritmos próprios às suas vidas. E ocupam o espaço no tempo de acordo com seu modo de existir.

No caso das crianças que residem neste bairro, elas, na vida diária interagem com a comunidade por meio das pessoas e dos espaços, como os ramais, os campos, a quadra de esporte. Logo, é com o pé na terra que elas vivem e convivem, umas com as outras; com o corpo em movimento. A vida perpassa por essa rotina comunitária de sair pela manhã ou pela tarde para a escola, logo depois volta para casa e no findar das tardes sempre aproveita aprecia/corre/sai para rua em busca do brincar de pira pega, pira esconde, entre outras brincadeiras. O fato é que ainda, a criança da localidade vive sim, uma infância de forma múltipla e relacionada com a natureza do lugar, nos espaços abertos e no ambiente natural empreendendo seus brincares na relação com a

terra, com as árvores, com os animais e noutros espaços disponíveis. Desenvolvem os brincades nos quintais, por ser o lugar que traz satisfação.

Como síntese, Brandão (2015a) no seu texto “Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura”, diz das crianças como sujeitos de cultura, que produzem culturas infantis, preferindo os espaços para desenvolver a interação; elas gostam de estar no contato com a terra, nos espaços longe do controle do adulto, que domina e impõe regras.

#### 1.4 A escola

Foto 13 – Escola Adriano Rodrigues Cardoso



Fonte: Gizelma Dias dos Santos, 2020.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Adriano Rodrigues Cardoso, funciona desde março de 2003, sendo considerada de pequeno porte, com uma estrutura predial que comporta três salas de aula, um espaço da gestão escolar, um refeitório e o pátio. Para o seu funcionamento conta com 26 pessoas, incluindo professores, serventes, vigias, coordenadora pedagógica e diretora. O atendimento educacional é restrito aos níveis da Educação Infantil (pré-escola) e do Ensino Fundamental (anos iniciais) no turno matutino e vespertino, cujo estudantes possuem matrícula ativa na instituição.

Na instituição cada sala possui dois armários de madeira e um ventilador, com um espaço bem arejado. A copa onde são feitas as refeições diárias existe um fogão, uma geladeira e um ventilador. Já no espaço onde as crianças fazem as refeições existem quatro mesas e seis bancos, também é nessa área que os

alunos se alimentam e desenvolvem suas brincadeiras no momento do intervalo que acontece das 9:00 às 9:30 da manhã.

Os alunos que frequentam a instituição são alunos que moram no bairro-comunidade Jarumã, outros veem de bairros e ramais próximos como o ramal do API e do bairro Mutirão.

A escola também enfrenta o dilema da falta de recursos e quando chegam são poucos. Entretanto, a escola atua pedagogicamente no seu papel de garantir os meios junto da comunidade articulando os saberes dos alunos, os saberes comunitários e os saberes escolares. A escola mostra-se com sentido na localidade, por isso busca desenvolver um tipo de retorno social, sempre no desafio de reconhecer sua importância na comunidade.

O ensino foca no aprendizado a partir das práticas pedagógicas, que se diferenciam uma das outras, conforme relata do diretor da escola, reconhecendo os valores da parceria família-escola e a partilha educando-educador. Nas suas palavras enfatiza que:

*A escola Adriano Rodrigues Cardoso tem feito o possível para fazer esse papel dentro da comunidade. Sendo que existe toda uma dinâmica pedagógica elaborada pelos coordenadores pedagógicos para alcançar e valorizar os saberes culturais que as crianças possuem, saberes do cotidiano que são construídos com a família no convívio familiar, entre pais, avós, irmãos etc. Esses saberes são valorizados e tidos como importantes.*

*A escola desenvolve no momento das aulas, uma vez por semana um momento teatral, onde são criadas peças teatrais juntos com os professores e alunos. São histórias ditadas pelos alunos, histórias culturais, encenadas pelos próprios alunos e entre as turmas. São lendas folclóricas, histórias que foram contadas pelos pais etc. e dessa forma são valorizados os saberes culturais que as crianças possuem (Caderno de campo, 2019).*

As crianças integrantes da pesquisa sabem que é na escola que aprendemos, embora o saber não esteja apenas dentro do ambiente escolar, ele está também no ambiente social. Para elas, na escola a gente aprende, mas, também brinca. Para elas tudo está relacionado ao brincar. Exemplo disso é quando elas dizem: *Eu estudo, mas também brinco na hora do recreio; Lá eu estudo e brinco de pira alta, pira pega*. Para algumas delas, a escola é vista como um lugar de satisfação ao afirmarem gostar da instituição. Outras nem tanto. Para algumas crianças a escola

*Não é um lugar feliz e as meninas e meninos vão “ali” porque são obrigados. Saem portões afora assim que podem e demonstram muito pouco interesse em viver atividades que as obriguem a permanecer na sala de aulas e na escola mais do que o tempo regular e obrigatório.*

Como no poema “indiano” de Cecília Meireles, não há hora melhor do dia do que quando os portões se abrem no fim da manhã ou da tarde e se pode “ir embora” do lugar do estudo para os lugares da vida (BRANDÃO, 2015a, p.122)

Um pouco assim se manifestaram ao dizer:

*- É muito chato. A professora briga muito comigo, ela só vive brava, ela grita, grita, e eu não aprendo nada lá* (Fragmentos de entrevista em 2022).

Foram crianças dizendo suas verdades, o que é normal quando se trata do olhar da escola, pois elas querem/desejam viver mais livre, nas interações do cotidiano, fazendo coisas que tenham significados e com obrigações mais discutidas e não obrigadas, como o de fazer um dever para obter-se uma nota.

Porém, para outras crianças a escola é espaço de interação recíproca. Veem a escola como sendo lugar de satisfação. Na escola elas aprendem várias coisas, todos os dias, matemática, português, aprendem ler e escrever, entre outras competências.

*- Gosto! Eu aprendo ler e escrever.  
- Eu amo! Eu aprendo ler, escrever e brinco. E eu merendo, tem merenda.* (Fragmentos de entrevista em 2022).

Como já dito, a escola desenvolve um papel importante na localidade, fazendo o papel social educativo, pois, é através dessa parceria, escola, comunidade e família que a formação social, educativa é desenvolvida. Logo, pensar o papel da escola no bairro-comunidade é algo relevante, na medida em que a educação gratuita ofertada para as pessoas na localidade tem seu valor. É possível observar nos olhos dos pais a satisfação em poder ter uma escola próxima de sua casa para poder matricular seu filho. *É uma satisfação! Porque é próximo de casa, né! eu posso vir andando deixa o meu filho* (Caderno de campo, 2022), e poder ofertar a educação aos pequenos.

Em contrapartida, as crianças da localidade possuem saberes diversos que estão em construção, os quais precisam ser valorizados na escola, no sentido de relacionar os saberes informais com os escolares e assim, potencializar o aprendizado das crianças que residem na localidade. Afinal como diz o autor principal deste trabalho, “a sala de aula é um microcosmos social inserido em um outro, um pouco maior, mais complexo, mais livre e mais rico: a escola” (BRANDÃO, 2015a, p.119). Ou seja, a vida concreta acontece em diversos ciclos, assim antes da escola está a localidade, o bairro com sua

demanda educacional e, neste, a escola, como representante da sociedade na transmissão dos saberes escolares. E a “sociedade não é constituída de “coisas” estruturadas, mas construída a cada dia por redes e feixes de inúmeras e diferenciadas conexões, assim também eu procuraria compreender os espaços-tempos da escola como integrados no complexo da vida comunitária” (BRANDÃO, 2015a, p.121).

Podemos dizer que, a localidade é uma mistura de bairro e ruralidade com uma dinâmica cotidiana de práticas sociais que se sucedem através da transmissão dos saberes, e que precisa dialogar com a escola. Que crianças são sujeitos sociais gritando por liberdade para aprender e ser criança.

## CAPÍTULO II

### CONVÍVIOS, INTERAÇÕES E BRINCARES DE CRIANÇAS

O capítulo tem por objetivo identificar as crianças em suas práticas sociais, com destaque as suas brincadeiras e interações, seus convívios entre pares e com adultos.

De início, podemos dizer que na realidade social os saberes mudam e com eles o modo de viver a infância também muda, por muitos fatores, um deles é o impacto das tecnologias que chega a muitas pessoas e, também, se encontra em comunidades mais afastadas da cidade. Isto para dizer que o meio tecnológico tem alterado a dinâmica social da vida cotidiana no meio rural e no meio urbano, passando a fazer parte da vida cotidiana das pessoas do bairro-comunidade pesquisado, conforme dizem alguns moradores antigos da localidade, os ditos mais velhos e mais vividos.

É o caso do senhor Manuel Lobato, ao demonstrar sua inquietação diante do que observa das crianças. *As de hoje em dia estão muito no celular, no joguinho de internet. Isso prejudica elas.* Também, dona Graciléa afirma: *Na minha época de criança não existia esse negócio de celular, o nosso tempo era brincadeira, diversão todo dia. Essas crianças de hoje em dia tão muito viciada nisso, isso prejudica elas.* Outros moradores nos informaram que na sua época de criança, o viver era dentro de casa e nos espaços naturais.

Além disso, tomando os depoimentos desses moradores, percebe-se que o modo de viver a infância em outra época foi diferente da apresentada hoje em

dia, o que se vê são crianças envolvidas com aparelhos eletrônicos, como o celular, o que para os adultos do lugar é algo prejudicial. Tempos e realidades totalmente diferentes. As crianças atualmente vivenciam outros saberes, sendo um deles a apropriação da tecnologia com diversas ferramentas (vídeo games, televisão etc.). Mas, também, no dia a dia eles circulam nos espaços da comunidade brincando, embora bastante modificado pelos moradores visando o bem comum. Tal assertiva da criança em suas movências no ambiente comunitário foi retratado no capítulo I.

Certamente, as crianças vivem outras experiências, além do mero acesso à internet e a tecnologia, de modo geral. Bem como, aproveitam da melhor forma possível o tempo da infância, com brincadeiras, interagindo com seus pares e com adultos, conhecendo a cultura local, pois vivenciam práticas comunitárias tais como o futebol que é rotina de quase todas as tardes. Queremos dizer com isso, que é uma forma diferente de ver a realidade segundo Geertz (1997), ou seja, os moradores antigos, os jovens, as mulheres e as crianças mesmo dentro de um grupo cultural específico pensam diferente e defendem visões também diferentes, isso acontece por termos grupos sociais formados por pessoas únicas, e em constante transformação.

Um mundo interior de emoções contidas e um mundo exterior de comportamento estruturado se confronta sob a forma de esferas profundamente distintas entre si, e qualquer indivíduo nada mais é, por assim dizer, um *locus* temporário para este confronto, uma expressão momentânea da própria existência destas duas partes, de sua separação permanente, e de sua necessidade, também permanente, de seres mantidos em uma ordem apropriada (GEERTZ, 1997, p. 94).

Voltando aos sujeitos com as quais interagimos na pesquisa, as crianças. De acordo com o meio e as diferentes formas de convívio, elas vão se apropriando da cultura, e com esta também elas desenvolvem suas vivências na realidade cotidiana. Tais crianças criam laços afetivos, costumes e aprendizados. Constituem-se, formas de convívio, construídos de geração a geração e por grupos familiares, amigos próximos e as crianças entre si. Logo, os laços afetivos acontecem desde o primeiro contato ainda no ventre materno, e segue ao longo da vida. Ressalta-se que, na infância, percebe-se que tais laços se dão entre outras coisas, pelo convívio social e pelas brincadeiras comuns e rotineiras. Ainda nesta fase, elas constroem seus grupos, alcançando

afinidades, e, dentro desses grupos, vão se formando grupos de pares, isto é, formam-se em uma relação mais restrita.

Quanto a formação de grupos Brandão (2015a), considera:

O *grupo de idade* transforma - se aos poucos ou de uma vez, em um grupo de *interesse* quando a partilha de tempo é espaço regido por desejos de pura convivência (estar com outros para viver algo com o estar com ele) transmuta-se na recíproca obrigação de criar uma unidade cultura de vida para fazer algo que passa a dar sentido a própria convivência. Ser ou viver na comunidade significa estar continuamente oscilando entre seus círculos culturais de vida cotidiana (BRANDÃO, 2015, p. 09, grifos do autor).

Como exemplo, demos ênfase as atitudes percebidas durante o trabalho de campo, em que algumas escolhem sua companhia - a criança Kaike e William, ao serem questionadas sobre o que mais gostam de fazer, respondem: *ele gosta de brincar comigo* e, a outra, retruca: *é verdade, ele é meu melhor amigo*. Nessa relação de afinidade, elas socializam saberes, aprendem entre si e se divertem, reiterando que acontece assim porque somos seres sociais criados para viver em sociedade na relação uns com os outros e entre os outros. Sobre este assunto, Brandão (2015a), vai dizer que:

[...] ser ou viver na comunidade significa estar continuamente oscilando entre os seus círculos culturais de vida [...] as crianças convivem seu momento de reciprocidade no interior de seus *ciclo de vida* do ponto de vista da pessoa de uma criança, esse ciclo começa no *grupo doméstico*, que distribuem e faz conviverem as pessoa de/em uma casa, ou no que mais si pareça com elas, depois, alargar - espaço cotidiano de convivência, e estabelecer por conta própria ou por imposição dos adultos, outro círculo mais ou menos estável de interação socializadoras. [...] ao pensarmos a vida cotidiana em espaço - tempo como o da casa, da escola, comunidade, não raro esquecermos de “ver” que por debaixo e no interior dessas “coisas” estão os círculos e circuitos reais da interação entre as pessoas (p. 08, grifos do autor).

Logo, o grupo de crianças não vive apenas um cenário social das brincadeiras, ao contrário, elas criam, brincam para “[...] viver as experiências essenciais da convivência através da partilha tão pouco controlada pelo mundo do adulto, quando possível” (BRANDÃO, 2015a, p. 09).

Ainda, é importante ressaltar que os indivíduos aprendem de forma bastante peculiar “não apenas em troca com o meio ambiente, mas também e principalmente através de interações carregadas de sentido, de sentimentos, de sociabilidade, de motivação e de aprendizado” (BRANDÃO, 2015, p. 39). Logo, o processo de aprender com o outro, em um sistema de troca só é possível através da cultura, nesse sentido Brandão (2015), considera o homem um animal

incompleto e inacabado que se completa através da cultura, na relação com o outro, através de troca e reciprocidade, no reconhecimento de si mesmo e do outro. E, nessa relação voluntária de reconhecimento de si e do outro as crianças também constroem suas vidas, recheada de saberes e de relações entre pares.

## 2.1 Sobre Interações, brincares, brinquedos e círculos de cultura

Foto 14, 15 e 16 - Momentos de interação das crianças.



Fonte: Gizelma Dias, 2022.

Os ramais são os espaços de interação e do brincar de todas as tardes de meninos e meninas. A frente do posto de saúde é o *point* de encontro entre elas, para logo, iniciar as conversas e brincadeiras. Conversar sobre o que aconteceu no dia a dia, compartilhar experiências vividas no âmbito familiar e a escolha da brincadeira que será desenvolvida no momento. Se movimentam dentro da localidade, sabem aproveitar os ambientes para suas brincadeiras e vivências nas tardes e manhãs, sabem onde ficam os atalhos que servem para levar de um ramal a outro. Assim comentam:

- *A gente gosta de brincar no ramal, no quintal, é muito divertido!*
- *A gente anda por aí, pelos ramais, e brinca também na quadra Jarumã, é muito legal.*
- *Eu gosto de brincar nos ramais, no campo, e na quadra Jarumã.*
- *Nos brincamos de várias brincadeiras, é muito legal!* (Caderno de campo, 2022).

Para elas a natureza é um elemento que faz parte da rotina diária, esses espaços naturais são os espaços e servem, por vezes, de elementos às brincadeiras, parte do convívio delas, portanto, são práticas vistas como

caminhar descalço nos ramais ou nos campos com as contínuas corridas nos espaços da calçada do posto de saúde até o ginásio da escola. Nesse sentido, para as crianças, a natureza é:

- O mato.
- As árvores. O campo é feito de natureza.
- Onde a gente vive.
- É a flor, a plantinha, os rios, o sol.
- É onde eu brinco.
- É tudo isso aqui [fez menção com as mãos para o lugar que a cerca].
- São as florestas, a mata, as árvores, o sol, a lua, o mar. Eu acho que é isso (Caderno de campo, 2022).

São crianças com uma sensibilidade aguçada para o ambiente natural e demais espaços sociais como os campos, os ramais, os igarapés, os quintais etc., por isso, demonstram satisfação no movimentar-se neles e, ainda, no movimento de circular por entre árvores e plantas, animais.

Os quintais são espaços de convívio, tanto para as crianças como para os adultos, parte da vida acontece nos quintais (frente das residências). Nesses espaços, que as crianças desenvolvem vivências e brincadeiras. As melhores brincadeiras, segundo elas, acontecem nos quintais e ramais. Segundo Brandão (2015) “[...] os fundos dos quintais (quanto mais misteriosos, mais cheios de árvores de cantos escondidos e de trastes velhos melhor); [...] para desenvolver as brincadeiras” (p. 112), elas primam pelo brincar livre. *Eu gosto de brincar na rua, de correr. Não é legal brincar dentro de casa* (William).

Já os adultos, partilham suas vidas por meio de conversas que se estendem até ao cair da noite. São relações pessoais, relações de fazer circular o saber.

Como sabemos as crianças daqui ainda possuem uma relação estreita com a natureza, por estarem em constante contato com ela. Elas possuem espaço dentro das relações sociais do lugar, porque fazem parte delas, ainda que sob um prisma de ser variável em cada território. Assim, nos espaços da comunidade, os ramais são meios de locomoção, o espaço de ir e vir, sendo pelas crianças ressignificado, pois, elas utilizam esses espaços para brincar, correr, saltar desenvolver suas brincadeiras.

Brandão (2015a) ressalta o valor das crianças explorarem e viverem experiências próprias e a partir de si, com o corpo em inteireza, o que concordamos. Vimos durante o trabalho de campo que o momento do brincar determinado pelo adulto configura-se um dos momentos mais importantes para

elas, se processava o (re)encontro de amigos, de colocarem o corpo inteiro para circular e correr livre longe das regras dos adultos. De colocar a interação a favor do corpo, estreitando, se misturando com a natureza, nos espaços e brincadeiras, de se experimentar na terra. Andanças e mobilidades nos espaços e entre pares até certo ponto é permitido pelos responsáveis, em determinados horários, como, nas tardezinhos. *Quando o sol está alto, não pode*, disse uma das meninas participantes da pesquisa.

Quando conversamos com moradores antigos, nos diziam que na época deles não podiam brincar com os filhos do vizinho, algumas vezes, era permitido pela mãe e pai, mais isso era muito difícil. E, hoje em dia pode. Observam, que as crianças do bairro-comunidade vivem mais soltas, os pais as deixam brincarem nos ramais com as outras crianças. Significa dizer que as crianças produzem suas práticas sociais relacionada obviamente com a cultura do mundo adulto. Elas, conforme assevera Luckesi (2015), o homem é “[...] um ser ativo [...] e, por isso, aprende ativamente”. Dessa forma, participa e constrói conhecimentos, vive sentimentos e ações.

Os movimentos pelos espaços no bairro-comunidade constituem meios para o alcance de sentirem o pertencimento com o lugar. Suas práticas sociais evidenciam quem são as crianças que vivem ali e evidenciam seus papéis dentro desse mundo social. Logo, correr, andarilhar, movimentar-se e brincar nos ramais e demais espaços abertos, com os pés no chão, com o corpo cheio de suor e terra são construções sociais e de sentir-se pertencente aquele lugar. Luckesi (2015) discorre sobre nossas individualidades, através da qual nós somos no mundo, nesta experiência de vida. Experiência corporal com pessoas e com o meio. Assim, enfatiza que o corpo é um dos elementos que está relacionado a construção de si e sobre o mundo, é através dele que a criança vive as diferentes experiências dentro da cultura, assimila e transforma em conhecimento.

As crianças desenvolvem técnicas corporais alinhadas aquele modo de vida. Como exemplo, brincar no ramal dá significado a cultura infantil sentida, percebida e experimentada com o corpo em plenitude. Essas ações se dão através das brincadeiras de movimento nos espaços do bairro-comunidade, elas correm, caminham e circulam pondo o corpo em movimento, se sujam de terra.

Sobre o momento de interação-brincar das crianças da localidade presenciados como já dito acontecer sempre no cair da tarde, aproximadamente entre quatro e sete horas, e nos espaços comuns (ramal, campo e quadra). Elas interagem, brincam e conversam, falam de assuntos diversos como das regras de brincadeiras, de acontecimentos diários ocorridos no contexto familiar e de situações que aconteceram com elas. Elas se aconselham e dizem verdades que são verdades para elas, soltam sorrisos pois são momentos de satisfação. A criança Kaike, no momento do brincar disse para a criança William: *tu não podes falar mal da padaria porque eles são bons e, dão merenda de graça para nós. Tu vais parar de ser assim, senão eu vou deixar de ser teu amigo*. Esse diálogo trata da lealdade que tem que existir, como uma forma de gratidão por um favor recebido, evidenciando que no processo do brincar, também, aprendem e ensinam umas às outras.

As crianças quando se sentem seguras elas são muito comunicativas, dizem o que pensam, foi o caso de interrogarem a minha presença entre elas, *É pesquisa tia? A Priscila vai fazer também, de hoje ela não escapa*; outra criança, disse: *Tia cadê a minha*” [referia-se à entrevista feita com ele dias atrás]. Elas falam sobre o que sabem sem medo, elas ensinam umas às outras crianças as regras de uma brincadeira. Existe aquela criança que é sempre a líder, por ter uma personalidade mais forte e ter autoridade diante das demais. Falam dos acontecimentos, de suas rotinas, de relações familiares. Em um diálogo perguntei sobre a rotina deles e, com toda verdade, assim disseram:

*É que o papai vai embora mesmo, vai trabalhar. Eu saio. A gente sai todo dia para brincar, tipo dia de sábado a gente vai lá para o campo da batata<sup>7</sup>, a gente vai de carro (Caderno de campo, 2022).*

Finalizam ali fazendo planos para o outro dia, sobre as brincadeiras, as tarefas diárias que serão desenvolvidas por elas.

Notamos que elas gostam de brincar nos espaços livre, como nos ramais a partir de grupos criados por elas, e que sempre cabe mais um. Sobre isso, Brandão (2015) enfatiza que os espaços dados pelos adultos são os espaços que as crianças rejeitam, pois para elas a brincadeira é melhor nos quintais, nos ramais, no contato com a natureza e a terra, principalmente, quando falamos da realidade de meninos e meninas que residem no bairro-comunidade Jarumã,

---

<sup>7</sup> Batata é o apelido do senhor que mora em uma localidade próxima, o Ramal do API.

que ainda vivem a experiência de poderem circular nos espaços e ambientes naturais.

No trabalho de campo vimos repetidas vezes o brincar bem como as crianças em rodas de conversa, e participando de algumas dessas interações, conseguimos alcançar, em parte, as nuances desses circuitos. Elas, assim nos diziam *hoje nós vamos brincar aqui; aqui tem muita criança que brinca, onde nós gostamos de brincar é no quintal da casa do Guel; todo dia na casa do Guel<sup>8</sup>, depois a gente brinca por aí* (Caderno de campo, 2022). Convém esclarecer que o “aqui” das crianças se refere ao ramal são Miguel, que passa na frente do posto de saúde, às proximidades ou no entorno da calçada do posto nos bancos.

Esse *brincar por aí* expresso por elas, é uma linguagem bastante familiar usada por eles, são dizeres que precisou ser compreendido por mim durante a pesquisa, isto é, captar os significados das vozes dessas crianças no sentido do dito e do não dito. Das “coisas” escondidas por traz das poucas palavras, no silenciar das vozes, nos gestos e olhares transmitidos por elas/eles através de um diálogo informal e sem compromisso construído no processo.

O certo é que as crianças vivem o cotidiano do que acontece na comunidade, elas sabem dizer dos locais, das pessoas, dos acontecimentos, dos seus grupos e ciclos brincantes. Nesse cotidiano, elas desenvolvem várias atividades que são tidas como simples e, muitas vezes, sem valor para os adultos, porém com valor para elas e, ao mesmo tempo, precisando do alcance dos adultos. E ali, os saberes estão em constante construção.

As situações de brincadeiras de meninos, as tropelias de adolescentes e as trocas do amor entre jovens são momentos de trocas de condutas e significados regidos por regras e princípios que, aos poucos incorpora a pessoa de cada um os códigos das diferentes outras situações da vida social (BRANDÃO, 1997, p. 19).

Ou seja, também as crianças são regidas por “regras e princípios que, aos poucos incorpora a pessoa de cada um os códigos das diferentes outras situações da vida social”, conforme assinala o autor, e que dizem respeito às ações, linguajares, regras cotidianas, costumes, gestos, formas de se vestir e de se comportar em sociedade. Configuram saberes e “situações da vida social” que são ensinados e transmitidos dentro da cultura local e, os pequenos, vão captando nesses modos de vida vividos em interlocução com o adulto. Trata-se

---

<sup>8</sup> Guel, cujo nome é Guilherme, é o menino que brinca com quase todos os dias na frente de sua residência.

de um ensinar-e-aprender. Podemos citar tais ocorrências como o cuidar da higiene, sentar-se para apreciar as tardes ensolaradas, gostar de determinadas comidas etc. Os pais ou familiares transmitem ensinamentos a esses a partir de suas concepções e valores, e “[...] embora pareça ser uma propriedade quase exclusiva de um ser social chamado “adulto” e de um do seu representante mais essencial a qualquer tipo de sociedade e de cultura humana: “a pessoa que educa” (BRANDÃO, 2015, p.111, grifos do autor). Reiteramos, diz respeito à cultura interna que circula naquele mundo de convívio, regido e ditado por adultos. Essa cultura vai refletir e dizer sobre um mundo adulto e um mundo infantil, sendo dois mundos interligados e inseparáveis.

Logo, por esses mundos o ser social criança, vai continuamente sendo construído com ensinamentos e experiências também dos adultos com quem partilham a vida. Elas vão internalizando saberes e costumes, rotinas e ordenamentos, maneiras de burlarem ou seguirem naquele meio/ambiente/circuito que habita. E, é isso que desde tenra idade, por sermos seres sociais, implicados para viver e interagir entre humanos, interagir pelas vivências.

No caso da criança, elas vivem experimentos crianceiros situados pela realidade concreta e comunitária, isto é, situada pelo lugar onde moram praticam suas coisas e situações, são exemplos, andar de bicicleta, se vestir, cuidar da higiene pessoal entre outras. Dito isso, compreendemos que o apreender acontece de certa forma por meio da ação e do movimento, e cujo corpo é um elemento principal como afirmamos no capítulo I. E, o saber é possível para qualquer criança, desde que seja oportunizada. Nesse sentido, “[...] as aprendizagens significativas no cotidiano da vida humana dependem da exercitação compreendida” (LUCKESI, 2015, p. 132). Do corpo em movimento.

Reiteramos, as crianças do bairro-comunidade preferem o brincar espontâneo, livre e em movimento corporal de força, gingado etc., até porque tem o privilégio de desfrutar desses espaços e liberdade. Diante disso, a vida cotidiana também é espaço de se viver a infância, com encantos, e a magia de ser criança. E, no mundo amazônico cheio de diversidade, existem também diversas são infâncias. A criança que vive em localidades rurais amazônicas “[...] convive, bem mais do que em outros territórios e cenários, com a tríade

fundamental à vida: a terra, as águas e as florestas através de uma cultura própria, ou de diversas culturas refletida no cotidiano” (POJO, 2017, p. 15).

São diversificadas em cada território do mundo, do Brasil, do Pará, de Abaetetuba, em cada comunidade, logo, há diferentes crianças vivendo suas infâncias nas cidades grandes e nos interiores, nos ramais, na beira dos rios.

Podemos dizer que ser criança é estar vivenciando o meio que habita ao se movimentar, interagir e socializar-se com seus pares e com os adultos. Crianças, possuem linguagens próprias e específicas dos seus mundos. Linguagem da coporeidade, da fala, dos movimentos nos lugares, dos gestos e dos olhares. Linguagem crianceira, podemos dizer assim.

## 2.2 Os saberes e/das crianças

O saber das crianças entrelaça aspectos sociais, relações familiares e escolares, modos de vida da comunidade. Diante disso, esse tópico descreve situações em que se processam o saber situado a partir do mundo delas.

Novamente, tomamos Brandão (1997) para falar do saber. Concordando com o autor, vislumbramos o saber a comunidade<sup>9</sup>, dizendo que o “saber surge e circula” (p.14). Para o autor,

O saber surgiu há muitos milênios, através dos antropoides, quando ainda não existia a escrita os nossos ancestrais já desenvolviam o saber morando nas árvores, onde viveram por muitos anos, até desenvolverem seus saberes, para assim habitar na terra. À época fazer circular o saber era difícil, pois não existiam símbolos. (BRANDÃO, 1997, p. 14).

O autor enfatiza que o saber surgiu entre as pessoas em um período distante e na história, o saber foi evoluindo e marcando transformações sociais e culturais. O saber é produzindo por sujeitos humanos em relações de ensinar-e-aprender, o saber é apropriação desse humano na vida social, e nesse sentido afirma o autor, “O homem aprende *“naturalmente”* e “uns com os outros e *uns entre os outros culturalmente”* (p. 14, grifos do autor).

Com o passar dos tempos, segundo o autor “surge “os sinais”, finalmente *representam*, são símbolos, a morada do saber humano” (p. 16). Foi então que o homem

---

<sup>9</sup> Comunidade, nos termos de Brandão (2014, p.05) é “O lugar humano da vida. O lugar social arrancado da natureza, ou nela encravado, no qual as pessoas se reúnem para viver suas vidas e dar um sentido a elas. Comunidade é o lugar da escolha, onde os grupos humanos livremente se congregam”.

através de reprodução da vida física, os homens aprendem a criar a vida simbólica. A criar um tipo absolutamente novo de trocas onde entre um ser e outro não há apenas eles e a *natureza*, mas também objetos – o produto do trabalho do homem sobre a natureza – sinais, símbolos, instituições e significados – o produto do homem sobre si mesmo – a cultura (BRANDÃO, 1997, p. 16).

Pessoas “ensinam-e-aprendem” mutuamente e interagem com o meio. E este processo é necessário para que aconteça a circulação do saber.

É por meio da convivência cotidiana que as pessoas aprendem-e-ensinam, também por meio das suas necessidades de vida digna e, dessa forma transmitem saberes. O saber acontece através da vida individual e coletiva, nos simples gestos e ações vivenciadas pelos sujeitos. Em interação como seres sociais coletivos normalizados por

códigos de regras de condutas que, ao mesmo tempo, constituem e preservam a ordem de pequenos mundos sociais; os repertórios de significados regidos por ideias e palavras, por símbolos e saberes que instauram e multiplicam os mundos simbólicos do imaginário do homem. (BRANDÃO, 1997, p. 17).

O saber é tecido na informalidade, o saber se alicerça na experiência e na vivência concreta da vida social. O saber é aprendido pela observação, repetição e aprendizagem, conforme explica Brandão (1997). O saber é poder de uma determinada comunidade.

Ainda, quando Brandão (1997), fala sobre “a divisão social do saber” enfatiza que, no decorrer da história o saber foi dividido em duas partes, pelos senhores do poder, e partes desse saber ficou “aprisionado por um sistema de educação, portanto, uma parte do ensino terá se tornado propriedade de educadores profissionais e da escola” (p. 19). No início da história existiam os detentores do saber: os sábios que tinham o poder nas mãos, e que ensinavam a outros. Os primeiros sabedores especialistas, como: “artistas, magos e feiticeiros [...], (p. 19), foi assim que o saber de todos, passou a ser o saber de alguns, [...] separado do conhecimento coletivo, transformando-se, assim, no embrião do poder de alguns [...]” (p. 19). Claro, não é deste saber que estamos tratando, ao contrário, falamos do saber do povo, da circularidade do saber, do humano potencialmente um saber único e inquestionável. Embora o saber escolar transversalize o objeto de estudo deste trabalho. No caso, estamos falando do saber construído pelas crianças em suas ações corporais, gestuais, brincantes, interativas, coletivas, grupais. De modo informal e cotidiano.

Como se percebe, o educar-se não acontece apenas no ambiente escolar, mas também no convívio social sob vínculo direto com a cultura, logo reiteramos, “aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura” (BRANDÃO, 1997, p. 17), significa que a educação atua em prol dos humanos viverem a cultura. Pois, há de modo invisível uma prática pedagógica sendo gestada nas atividades diárias e nos grupos/coletivos/pares de pessoas ou povos, em que os mais velhos ensinam, socializam saberes com outros e, estes, aprendem nos rituais, nas crenças, nas atividades cotidianas.

Seguindo pela ótica do autor, o conhecimento deu ao homem domínios sobre a natureza e sobre os saberes. Os saberes de uma comunidade como dissemos está na vida, na prática social. No caso do bairro-comunidade Jarumã, há saberes diversos, que se observam nas relações das pessoas em suas ações simples, nos costumes cotidianos que mesclam condicionantes rurais e, ao mesmo tempo, de uma urbanidade, pois alguns moradores dizem que no decorrer dos anos aconteceram muitas mudanças como mencionamos no capítulo I.

As crianças possuem saberes. Saberes grupais, pessoais, comunitários, interativos que se desenvolvem por ações. Ou seja, a criança aprende com o adulto a desenvolver uma determinada ação, tipo brincar somente a tarde nos ramais, por conta do sol quente, sabe que precisam levar em consideração esta regra para poder exercer suas brincadeiras, com o grupo de convívio. Portanto, as brincadeiras são símbolos de partilha e são também parte da cultura. Vejamos alguns trechos de conversas entre a pesquisadora e os pequenos durante uma roda de conversa no bairro-comunidade jarumã, tratando do que estamos comentando aqui.

Nós só brincamos às quatro horas da tarde, porque o sol tá  
Eu brinco às oito horas da manhã, e às quatro horas da tarde. Antes  
desse horário a mamãe não deixa porque o sol é muito quente. O sol  
é quente (William e Kaike).

Elas tomam a ordem dos pais e vão aprendendo, nesse caso, sobre a temperatura solar notada e observada por eles no decorrer do dia com a ressalva dos malefícios à saúde quando ficamos expostos em horários inadequados. Quando pergunto por que as brincadeiras acontecem apenas nesses horários,

elas enfatizam, *a gente fica doente, o sol é quente, a mamãe fala que da doença na pele da gente.*

Ainda sobre este assunto, uma mãe diz: *Agora elas brincam de pira alta, pira pega, e quando chega à noite umas 19:00, 20:00 horas elas mudam a brincadeira, brincam de pira-esconde. É porque fica noite* (Lucidalva Sousa, 2022). Esta mãe explicava a escolha da brincadeira pelas crianças, de pira-esconde à noite, por conta de ficar escuro e, a brincadeira, tornar-se mais empolgante, devido aumentar a dificuldade da criança (a mãe) encontrar os outros amigos.

Tais saberes sobre o sol, a natureza, dia e noite entre outros, são aprendidos no convívio diário e é de grande utilidade para crianças e adultos. Tendo propriedade sobre esses saberes, elas conseguem organizar pequenas coisas do dia a dia tais como o tempo do brincar, olhar para o céu e saber se irá chover ou não. Isso é possível através do saber do senso comum. Somos seres da natureza, e a cada experiência e aprendizado construído entendemos que “aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura” (BRANDÃO, 1997, p.17).

Vamos a mais um aspecto de circular o saber, agora focalizando o lanche que ocorre nos intervalos do brincar, evidenciando não se sentirem contentes com a panificadora do bairro-comunidade.

- *La é caro, eu comprei o lanche por 2,00 reais, só o suco.*
- *Mas Kaïke, eles são bons, eles dão pão pra gente quando nós não temos dinheiro. A gente não pode falar mal deles, eles são bons.*
- *É! Eu também gosto deles, eles me dão pão de graça e o sujo 1,00 real* (Caderno de campo, 2022).

Outro aspecto de aprendizado é com o uso da matemática durante uma ou outra brincadeira, quando eles tiram *par ou ímpar*. Iniciar uma brincadeira com o jogo par ou ímpar é algo que as crianças fazem costumeiramente. Assim, os dedos são colocados no meio da roda servindo para simbolizar o número. O resultado é a somatório dos dedos contados, saindo o vencedor. É uma forma de decidir quem será a mãe; a mãe da brincadeira é aquela criança que vai correr e procurar as outras crianças, no caso de pira mãe ou pira alta. Dessa trama numérica sabem ir até o comércio (mercearia próxima de casa) e fazer uma compra a mando da mãe, ou do responsável.

Outro saber veiculado pelas crianças são os repertórios de histórias, contadas pelos avôs ou pais, transmissões como a lenda da cobra grande, do boto, saci pererê. Elas contam brincando de saci pererê, que a criança pulava com uma perna só e, se apoiava com os braços para não desequilibrar, sem contar nos adereços como a capa preta de pano que usava na costa.

*Saci Pererê é um menino que vive no mato, que tem uma perna só e fuma um cachimbo grande. Ele usa uma roupa vermelha e um short vermelho, uma capa preta na costa. Ele pula de uma perna só pelo mato, é assim que ele anda (a criança imitou os gestos de pulos do Saci Pererê). Mas ele não é mal, ele é bonzinho (Kaike).*

Ainda, sobre cultura local, o diretor Emerson nos afirma que:

*As crianças sabem sobre a localidade, sobre história local, inclusive nós descobrimos que aqui na localidade, existe uma construção antiga, restos de um engenho que era onde os moradores antigos faziam cachaça. Foram eles que nos levaram até lá, em uma excursão feita pela escola.*

Os costumes são ensinados através da cultura local, como acontece de as crianças brincarem nos ramais, nos campos por conviverem com essa prática cotidiana. Assim, observando e agindo em muitas ocasiões elas aprendem com os pais e outros membros do bairro-comunidade. Elas convivem com essas práticas

[...] e através do ciclo de vida e dos círculos de cultura onde grupos, turmas e equipes infantis criam e partilham teias e tramas dos arranjos possíveis e saberes valores apropriados de fragmento da cultura adulta e reinventados em suas endiabradas e encantadora *cultura infantil* (BRANDÃO, 2015, p. 111).

Deriva desse costume, a cultura de brincar futebol como um exemplo já bastante discutido no texto. Assistindo ou não o rotineiro futebol, é cultural por parte das famílias, adultos, sentarem-se na frente de suas residências para apreciar a tarde e colocar a conversa em dia, observar as pessoas que chegam ou saem da localidade. Conversando com o morador Manoel Lobato, disse-me: *pois é, dona! Eles são todos meus primos e nós ficamos conversando até tarde aqui na frente* [referindo-se a outros três senhores).

Novamente, tomando os referenciais de Brandão (1997), agora no livro intitulado “O processo geral do saber”, ele nos afirma que os indivíduos têm “[...] consciência do saber, que é o começo da possibilidade de os seres vivos aprenderem não apenas diretamente *do* e *com* o seu meio natural, *naturalmente*, mas uns com os outros e uns entre os outros, *culturalmente*” (p. 14). Portanto,

os saberes circulam e são partilhados pelos sujeitos dando sentido à vida bem como são repassados de geração a geração.

No bairro-comunidade pesquisa, os mais velhos compartilham saberes com os pequenos, esses são internalizados, o que faz com que as crianças saibam do lugar e o que acontece ali, embora não seja um saber melhor elaborado acerca da realidade como é do adulto. Sabem sobre a cidade, sobre as chuvas, seus brincares, a escola. Eles/elas têm noção que sabem um montão de coisas.

Na sua centralidade, o brincar, sabem do porquê em certos horários não podem realizar tais brincadeiras como salientamos e, menos ainda, em frente da rua principal, na pista. *“A mamãe não deixa, é perigoso! Passa muito carro grande que pode nos atropelar. Eu não quero morrer! Eu não sou doido! O carro bate a gente”*. Tais trechos informam uma realidade vivida diariamente, enfrentada por todos e todas, a de conviver com o perigo de uma pista movimentada que fica na frente da localidade. E, as crianças, aprendem sobre esse fato, na convivência e com as regras familiares impostas a elas. Ainda, sobre a localidade em que vivem, elas dizem:

- Eu sei que é rua Jarumã, aqui tem um bocado de gente que brinca; mas quem brinca mais, é para li [ele apontou o dedo para o final do ramal], quase ninguém brinca pra cá;*
- É rua Jarumã, Rua Jarumã de Abaetetuba;*
- Tem muita gente que brinca futebol. Tem dois campos de futebol; esse aqui [apontou para o campo que estava na frente dele] um lá para traz;*
- Tem uma escola, eu estudo lá. (Diário de campo, em 2022).*

Podemos observar que as crianças conhecem os espaços da comunidade. Não somente isso, sabem que são espaços da rotina diária em suas interações e brincadeiras.

Visando captar mais ainda sobre o saber das crianças, desenvolvemos a oficinas do saber-brincar, que se constituíram momentos de rodas de conversas, cujo ambiente foi da escola Adriano Rodrigues Cardoso. Após essa etapa, pedimos que elas representassem suas opiniões e ideias por meio de desenhos.

Abaixo, apresentamos alguns desses desenhos traduzindo o que dizem do mundo e como interpretam, seus sentidos. Elas, foram além e nos interrogaram: *Tia eu posso desenhar também o lugar que eu mais gosto de brincar?* Trouxeram com detalhes onde moram, suas casas e os lugares favoritos do brincar, as pessoas que fazem parte do ciclo de convívio.

O primeiro desenho representa o bairro desenhado por uma criança

Desenho 1- O lugar.



Fonte: Pesquisa de campo, 2020/ Autoria: William Mesquita.

As crianças souberam pontuar sobre o bairro-comunidade situando as instituições que existem, a escola que elas estudam e o que mais gostam dela, conforme segue *Amo! To querendo que volte lá; Lá, eu aprendo ler e escrever; Tem uma escolinha aqui, fica pra li.* [apontou com o dedo na direção da escola). William, explicava assim, devido o tempo da pandemia do covid-19 em que a escola ficou com as aulas, que também abarcou o período da realização do trabalho.

Desenho 02 - O espaço favorito para brincar



Fonte: Pesquisa de campo, 2020. Autor: Vinícius

Ressaltamos a constante interação das crianças com os espaços do bairro, conforme é acentuado no desenho 1e 2, compondo o lugar com plantas, árvores frutíferas. Sobressai o entorno do campo, a quadra de esporte.

Na sequência, mais dois desenhos que também dizem das brincadeiras nos ramais e nos quintais das residências. Ressaltam o espaço e a peculiaridade do bairro-comunidade. Sobressaiu ainda a igreja, pois é presente na relação vivida pelas crianças.

#### Desenhos 03 – Outros espaços do brincar (campos, quintal)



Fonte: Pesquisa de campo, 2020. Autores: Kaike; Vitória.

Como vemos, os desenhos são representações simbólicas da localidade. Mostram os espaços onde elas mais gostam de estar e desenvolver suas vivências.

### 2.3 Os brincares

Logo no começo da localidade as primeiras brincadeiras eram mais reservadas e, em grande parte, eram desenvolvidas dentro de casa com os irmãos, o brincar com outra criança vizinha era exceção, acontecia com pouca frequência e somente com a permissão dos pais. Os pais dessa época eram rígidos, não existia o diálogo, nem conversa, as ordens eram impostas e os filhos deveriam obedecer. Uma moradora diz assim das brincadeiras da sua época:

*Na minha época as brincadeiras eram diversas como peteca, espeta e papagaio, sempre no quintal e com participação dos meus sobrinhos que tinham a minha idade, e isso influenciava no tipo de brincadeira que eu gostava de brincar, eram brincadeiras sempre de meninos. Brincávamos de peteca feita de caroço de miriti. A gente tirava a bucha*

*do fruto do miriti, tirava o caroço e fazia peteca. Brincávamos de perna de pau, nós fazíamos as pernas de pau com pedaços de vassoura, fazíamos de lata com fio, e andávamos em cima. Nós andávamos por cima da moinha, ficávamos nos jogando na moinha, rolávamos sobre a moinha.*

*Isso acontecia porque os meus pais, às vezes, não tinham condições de compra os brinquedos industrializados (Maria Rosilda Cardoso, entrevista em 2022).*

A moradora relata sobre um brincar espontâneo e ressignificado pelos brincantes, em que o ato criativo e corporal prevaleciam. As crianças usavam os recursos que lhes eram cabíveis no momento, criavam seus próprios brinquedos com recursos naturais disponíveis. Em épocas diferentes, e no tempo vivido por esta moradora bem como na atualidade, as crianças se beneficiam dos recursos naturais para desenvolver suas brincadeiras, criar seus próprios brinquedos, e ressignificar situações brincantes como a organização dos grupos infantis e as regras de uma brincadeira. Tal feito dava/dá a oportunidade de desenvolver ritmos, lógicas e o aprender conviver comunitariamente. Dizia de uma recreação como importante ao ser humano, humano lúdico e de grupo. Em suma, torna a brincadeira ação interativa como riqueza principal. São formas do brincar que marcam gerações e vão se eternizando na memória dos sujeitos crianças e adultos.

Para a adolescente Priscila, o que mais marcou sua infância foram as *brincadeiras. A gente brincava de amarelinha, peteca, pula corda, futebol e outras brincadeiras.*

De acordo com os dizeres das crianças as brincadeiras na rua são diversas e muito divertidas, e ainda acontecem como uma prática social.

*Na rua acontecem as brincadeiras. E a que eu mais gosto é pira alta, pira pega, queimada, cola alto. Brincadeiras até que não existiam eles inventaram, como polícia e facção. Gosto também de queimada, eu sempre peço para os meus colegas para eu ser a mãe, e no momento da brincadeira a gente fica conversando pedindo pro 'cara' acertar o outro, pedindo pra vingar a gente, até que se entrega pra vingar a pessoa.*

*Se criança é muito bom, a gente não tem preocupação com quase nada. Para mim ser criança é ótimo. (Kaike; William).*

Podemos asseverar que as brincadeiras mudam com tempo, portanto, é histórica e atualiza-se pelos próprios brincantes, o que foi notável no bairro-comunidade.

Tabela 01- Brincadeiras de ontem e de hoje

Brincades Antigos	Espaços	Período	Brincades de hoje	Espaços	Período
Espeta	No quintal / Na areia	Tarde	Pira esconde	No ramal	Tarde/Noite
Papagaio	No ramal	Tarde	Polícia/facção	No ramal	Tarde
Perna de pau	No quintal por cima da moinha	Tarde	Pira ajuda	No ramal	Tarde
Bambolê	No quintal Dentro de casa	Manhã/Tarde	Pira cola	No ramal	Tarde
Nadar	No rio/Nos igarapés	Manhã/Tarde	Pira garrafão	No ramal	Tarde
Cemitério	No quintal/No ramal	Manhã/Tarde	Pira alta	No ramal	Tarde
Elástico	No quintal/No ramal	Tarde	Pira pega	No ramal	Tarde
Peteca	No quintal/No ramal	Tarde	Bicicleta	No ramal	Tarde
Boneca	No quintal/Dentro de casa	Tarde/Manhã	Boneca	Dentro de casa. No quintal	Tarde/Manhã
Futebol	No ramal/No quintal	Tarde	Futebol	No ramal No campo. Na quadra	Tarde/Manhã

Fonte: Pesquisa de campo, 2021. Org. elaboração da autora.

Este retrospecto foi produzido com base nos dados construídos a partir das observações *in loco* e a partir das entrevistas com alguns moradores e crianças do bairro- comunidade, sendo que os adultos trouxeram relatos de suas memórias da infância e, as crianças, com demonstrações e formas de suas brincadeiras.

As crianças se sentem bem vivendo essa fase da vida, e aproveitam se divertindo, brincando entre pares e nos espaços dos ramais etc. Vale ressaltar que as brincadeiras acontecem em lugares diversos como no pátio de uma casa ou de uma taberna quando está fechada.

No dia a dia algumas brincadeiras se repetem como as piras, o futebol e andar de bicicleta, são frequentes por serem as preferidas por serem, segundo as crianças, as mais divertidas. Em mais um momento com elas, fui informada que iriam brincar de *polícia e ladrão*, mas no decorrer da conversa, acabaram por realizar a *guerra de água*, que elas brincam assim: enchem balão de água e jogam no colega, para que o balão espoque, visando molhá-lo. A brincadeira é entre meninos e meninas, de ambas as idades, não existem grupos específicos, os menores brincam com os maiores. Mas, também acontece a interação somente entre meninos.

Em outros momentos, elas brincam e caminham no ramal, sempre em movimento. Nesse sentido, afirma Luckesi (2015, p.133) que uma criança “precisa do movimento para compreender e tomar posse do mundo que a cerca [...]”, pois ao tornar-se adulto “[...] as memórias de experiências do passado, adquiridas ativamente no momento, servem de recursos de compreensão do que se passa à sua volta”. Nesse movimentar-se, pegam folhas de árvores, pedaços de madeira, empinam pipas, caem de bicicletas. Movimentam invenções como molhar a mão com água e colocar na parede para desenhar a mão. É ressoante a corpo que aprende, interage, fantasia e enxerga o mundo à sua volta.

Mas, existem aquelas crianças que preferem sentar-se à beira do campo para observar os adultos jogarem futebol. Outras crianças preferem brincar sozinhas interagindo com os brinquedos. Outra criança, se balançava num balanço feito de pau que estava atado em uma árvore, e se escondia atrás de uma outra árvore específica, ficava observando o balanço e quando parava ela voltava e balançava novamente.

Brincar é algo que está para além das regras, não existe uma única rotina do brincar, elas acontecem de acordo com o momento e, também, de acordo com o interesse das crianças pelas brincadeiras. Uma criança não quer brincar de pira cola, então, ela escolhe brincar de andar de bicicleta, embora por muitas vezes, seja apenas uma bicicleta, esta é compartilhada com vários.

Ocorre trocas,

Essa troca de saberes possibilita gestos de afeições que não estão longe de ser o repertório dos momentos que garante o surgimento de sentimentos de “eu” e de “nós” o que possibilita um relacionamento entre iguais, tão estável e profundo que possa ser, por isso mesmo, a condição de um modo diferente de ensinar-e-aprender. (BRANDÃO, 1997, p. 14).

E, nessa atitude amorosa estabelecida entre os pares, grupos, vizinhos asseveramos que os saberes, os aprendizados, os ensinamentos entre gerações são vividos entre todos, e em especial pelas crianças. São trocas de aprendizagem, em que o saber circula entre as crianças. Segundo Brandão (1997, p. 07), “elas constroem e faz várias tempos e espaços de cultura próprias, nas brechas e diante do que é, oficial e antropologicamente, “a cultura”. Ou seja, as crianças produzem cultura entre as brechas e diante do que é oficial, a cultura do adulto. Criam a sua própria “cultura infantil”. E esse feito dá a elas (as

crianças) uma especificidade diferenciada daquela tida como verdade (a cultura do adulto).

O brincar das crianças do bairro-comunidade acontece livre e durante um bom tempo. Elas não têm um espaço específico para desenvolver as brincadeiras, variam de acordo com o grupo. Normalmente, um dos lugares mais ocupados é no final do ramal Monte Alegre. Também, na frente do posto São Miguel, no entorno do campo de futebol e na quadra.

O jogar futebol é uma das brincadeiras mais praticadas pelas crianças e, também, por adultos. Brincam de futebol quando os campos estão disponíveis. Brincam na quadra de futebol, meninos e meninas, outras vezes, somente meninos; são grupos de meninos de 06 a 12 anos, e outros pequeninos costumam apenas observar. Logo, é interessante ressaltar que, para as crianças, os campos servem para desenvolver partidas de futebol entre eles, mas também servem para brincar de correr, de pira pega.

No tocante ao futebol, aos sábados no horário das 7:30 às 10:30 horas, as crianças treinam o futebol na quadra sob a coordenação do senhor Osvaldo. Trata-se de uma preparação para os jogos que acontecem toda quinta-feira no campo do Batata, sendo este um campo fora da localidade. A satisfação entre elas é constante, a brincadeira é acirrada com o objetivo de ganhar, acontecendo de algumas crianças ficarem aborrecidas quando perdem e colocarem a culpa no colega pela derrota do time. Elas ficam animadas por saber que quinta-feira elas irão viajar para jogar futebol. *Sábado tem treino e, quinta eu vou de carro lá pro campo do Batata jogar futebol; Eu também vou, é muito legal* (Diário de campo, 2021).

Por fim, o brincar trata de uma interação vivida pelas gerações que compõem a localidade, cada época com suas particularidades e diferentes modos de viver a infância.

#### **2.4 Mais um pouco do brincar e do “mundo das crianças”**

É interessante falar sobre esse mundo, o “mundo das crianças” (BRANDÃO, 2015a), um mundo próprio cheio de fantasias e verdades, espontaneidade. Trata-se de mundo cujo tempo é outro, cheio do agora, em que elas ditam o tempo de dentro, do momento. São formas nem sempre aceitas pelo adulto. Nesse mundo são traçados ritmos e as coisas ganham outro rumo

e significado, que as vezes não são compreendidas pelo adulto, porque o adulto vive em um outro mundo, o dele. É interessante falar sobre esse mundo “o mundo das crianças”, buscar conhecê-lo, embora não possamos conhecê-lo em sua totalidade, devido as nossas incompreensões.

Ao mesmo tempo, esta pesquisa foi conduzida por adultos, logo, sob o olhar do mundo adulto. Brandão (2007), em seu artigo “Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação”, reafirma que a antropologia foi a ciência que privilegiou por muitos anos o mundo dos adultos. O autor sugere então, que a área se “[...]volte à compreensão dos processos culturais da socialização”, com ênfase para um “[...] teor propriamente pedagógico”, isto para afirmar a necessidade de um diálogo com processos formais, informais, educativos vistos sob o prisma da multiplicidade de olhares e de campos do conhecimento” (BRANDÃO, 2007, p. 10). O que neste trabalho, buscamos fazer com as experiências, vivências e vozes das crianças. Nesses termos, trouxemos para a pauta a necessidade de evidenciar os saberes culturais infantis e relacionados com os saberes formais, aquele ensinado pelas instituições escolares que, não incluem os saberes do cotidiano.

Desde um bom tempo, o estudo sobre as crianças tem ganhado relevância e amplitude no campo da pesquisa, pois, é através desses estudos que podemos conhecer o mundo infantil. Hoje, as crianças são vistas como sujeitos de direitos, e no decorrer dos anos vem ganhando espaço em diversos aspectos da sociedade como políticas públicas e mídias.

Podemos dizer que o mundo infantil é próprio, importante e de potência cultural e social, rico de “travessuras” conforme afirma BRANDÃO (2015a, p.109). Esse mundo invejável de “travessuras” acontece nos ramais, nos quintais, nos rios, na escola, em todo lugar, se conectam para elas espaços territoriais com os espaços sociais, determinantes períodos de interação. Parte de suas travessuras estão em atos brincantes, como veremos nos depoimentos de algumas delas

Eu brinco na escola, na hora do recreio. A gente brinca aqui no campo. A gente brinca de tarde também, a gente brinca todo dia. Eu gosto de brincar na rua. Brinco também no quintal de casa (Kaíke).

A gente brinca por aí, no ramal, na escola, no campo do Batata, nos campos de futebol. A gente gosta de brincar em todo lugar (William).

No brincar fazem travessuras, quando reinventam coisas, tempos, jeitos, ocasiões, reinventam interações. *A gente brinca de várias brincadeiras pira pega, pira bola, pira garrafão, polícia e ladrão, brincadeiras até que não existia eles inventaram* (William), e como já dissemos brincam com brincadeiras transmitidas e outras acrescentam algo novo, por exemplo, pira garrafão em gerações anteriores era denominada de pira esconde, acrescentou-se uma garrafa, e a brincadeira passou a ser denominada de pira garrafão. As invenções e travessuras mencionadas por Brandão (2015a), são formas de viver a infância e dá significado a um mundo próprio. Assim, as crianças do bairro-comunidade vivem travessuras no ambiente da natureza, nos ramais, com seus pares e, também, com os adultos.

O “mundo das crianças” (BRANDÃO, 2015a) compõe-se de saberes, de fazeres, de interações, de brincadeiras, e da circulação nos diferentes espaços do bairro. O mundo das crianças mescla aprendizagens entre pares e com adultos. É cheio de fantasias, sentidos e significados diferentes para as coisas, situações, para regras da vida, para as relações. A criança vive intensamente suas vivências de grupos e entre pares. Brandão (2015a) ressalta que as crianças são sujeitos interativos em busca de parceria com o outro, e pelas relações que estabelecem aprendem-e-ensinam. Estão sempre partilhando e adquirindo saberes. Ser social que interage, influencia e é influenciado pelo meio.

No mundo delas o brincar é elemento de interação e que interliga todas as outras relações, ou seja, por esta centralidade elas criam os laços afetivos, organizativos e de habilidades cognitivas, como vemos num momento de troca de brinquedos ou ao convidar alguém para estar no quintal ou no ramal. Dessas relações vão construindo amizades, sentimentos de amorosidade que se estende até a adolescência e até a vida adulta.

Ademais, por tais relações as fantasias, as alegrias e os aprendizados se intensificam e são geradoras de outras relações como a de saber articular ideias, liderar grupos, pares de estudo e o estar com familiares, no caso das crianças do contexto estudado criam e produzem relações de diversão nas tardes e nos ramais, quintais. Cabe ressaltar que frustrações, dores, chateações também fazem parte desse mundo de criança, são exemplos, a dor de cair e se machucar, a chateação de um colega que o excluiu da brincadeira ou as

divergências que existem entre os grupos ou pares por discordâncias, estando a criança imersa em tudo isso.

Nesse sentido, o autor nos instiga a refletir, quem são as crianças? Quais verdades e vivências são vividas em suas relações? Logo, entendemos que as crianças são sujeitos sociais, que querem apenas viver suas verdades livres de violência e da marginalização social, afinal são sujeitos de direitos.

Como síntese, as crianças vivem um mundo próprio dentro do mundo dos adultos, cujas ponderações, argumentos, saberes, desejos e fantasias são singulares, e no todo é um mundo infantil que na sua totalidade será sempre desconhecido pelo adulto. Ao mesmo tempo, possui sua grandeza, de as crianças serem potenciais em fantasias, redignificações, pontos de vistas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa teve por objetivo refletir sobre os saberes, brincades e demais tipo de convívios das crianças do bairro-comunidade Jarumã. Dar visibilidade aos seus saberes. A cultura infantil desenvolvida se entrelaça às relações familiares e socioculturais, no modo de vida comunitária, logo, os saberes se revelam no mundo das crianças, este associado ao mundo do adulto. Tais relações são de sentidos e de significados dos sujeitos em práticas e a cultura do lugar.

Como resultados, vimos que na realidade do bairro- comunidade Jarumã, as crianças possuem saberes que são construídos na relação social, dizem suas verdades. A criança não é um ser vazio que precisa ser preenchido pelo adulto com conhecimento, porque elas também e, precisam ser consideradas em suas experiências e vivências no meio familiar, no bairro-comunitário e na escola.

Sendo que, a escola tem papel fundamental dentro do bairro-comunidade, por se constituir o território educativo tecendo saberes escolares na sociedade. É dentro da escola que as crianças desenvolvem e aperfeiçoam os saberes primários, aqueles que foram adquiridos no seio familiar, comunitário, se constrói outros conhecimentos e galgam horizontes de vida digna.

Infelizmente a realidade das crianças da localidade também se faz desafiadora, porque falta recursos para o desenvolvimento do bairro-comunidade Jarumã, falta estímulos ao aprendizado comunitário com ações

públicas de cultura e de lazer. Falta-lhes educação de qualidade socialmente referenciada. Podemos observar isto a partir do depoimento:

Eu observo que as crianças têm muita ociosidade. Elas não têm um espaço adequado para interagirem, desenvolverem o momento de recreação delas, sendo que elas precisam dessa interação, pois é importante ao desenvolvimento, isso vai influenciar na vida adulta, elas precisam de estímulos. Esses eventos de 12 de outubro servem para incentivar essa interação. Eles ficaram muito felizes, quando veem o espaço como se fosse uma praça. Até comentei que nós deveríamos colocar iluminação no campo e fazer um parquinho para as crianças brincarem, e as famílias também pudessem ir. Mas elas não têm esse estímulo, e prejudica a aprendizagem. Sem contar com o déficit de aprendizagem por conta dessa falta no cotidiano das crianças, por existe uma rotina apenas de casa para a escola e vice-versa. E o desenvolvimento das crianças vai muito além, com os estímulos relacionados a correr, pular, descer, subir, brincar e interagir com as outras crianças (Lea Leal, entrevista em 2022).

Seria interessante, a concretização desse sonho dos moradores, e dentro da localidade existem espaços que podem ser aproveitados para criar ações lúdicas, culturais, recreativas em que as crianças pudessem interagir e impulsionar ainda mais seus saberes.

Considero a pesquisa um desafio que no começo foi difícil, mas com o tempo vamos apreendendo e entendendo como devemos agir, logo, se torna possível e descobrimos que a vida de pesquisador nos traz aprendizados, que só é possível através desta. Diante disso, o trabalho para um pedagogo que atuará na escola é de fundamental importância, porque envolve as crianças conhecendo suas culturas, seu mundo mais de perto, interagir e ouvir suas verdades, que nem sempre são ouvidas! Dá vez e voz pois, as crianças tem muito a nos ensinar.

Por fim, podemos dizer que desenvolver pesquisa com crianças não é uma tarefa fácil, mas muito gratificante, porque aprendemos com elas mais do que ensinamos. Nos tornamos mais humanos, pois a natureza criancieira nos contagia dentro do processo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O processo geral do saber**. A educação popular como saber da comunidade. In: educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1997. p.14 a 26.

BRANDÃO, R. C. Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura. **Crítica educativa** (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2015a, p.108-132.

BRANDÃO, Carlos, Rodrigues. Sobre teias e tramas de aprender e ensinar: anotações a respeito de uma antropologia da educação. **Revista Inter Ação**, v. 26, n. 1, p. 9-30, 20 ago. 2007.

BRANDÃO, C. R. et al. Lugar da vida. Comunidade e comunidade Tradicional, campo-território: **revista de geografia agrária**, p. 1-23, jun., 2014.

BRANDÃO, Rodrigues, Carlos. **Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Cortez, 2015.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares**, **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto nº **6.040**, DE 7 DE FEVEREIRO DE **2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. 2007. disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm) .acesso em: 27 Abril. 2023.



[BRANDÃO. Carlos, Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. \*\*Sociedade e cultura\*\*, v.10, p.11-28, 2007.](#)

[BRANDÃO. Carlos, Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. \*\*Caderno de antropologia e imagem\*\*, Rio de Janeiro,18\(1\): 27-54, 2014.](#)¶

GEERTZ, CLIFFORD. **O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOBATO, V. A. L. et al. **Os desafios da escola do campo em perímetro periurbano: Caso da localidade Jarumã e da escola Adriano Rodrigues Cardoso**. In: OLIVEIRA, M. R. D. de et al. Práticas de pesquisa e realidade camponesa Experiências formativas na educação do campo. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

LUKESI, C. C. **Ensinar, brincar e aprender**. APRENDER- cad. De filosofia e psic., da educação. Vitória da conquista, n.15, 2015.

POJO, Eliana Campos Toutonge. **Gapuiar de saberes e de processos educativos e indenitários na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA**. Campinas, SP: [s.n.], 2017.

PREFEITURA DE ABAETETUBA. **Dados do Município**. Disponível em: <https://www.abaetetuba.pa.gov.br>. Acesso em: 27 Abril. 2023.

SILVA, Pereira, Julia. et al. **Questões teórico-metodológicas da pesquisa com crianças**. Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 41-64, jan./jul. 2005.

GONÇALVES, Gisele. A criança como sujeito de direitos: limites e possibilidades. Curitiba / Paraná, 2016.

ANEXO 1 – TERMOS DE CONSENTIMENTO.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
 CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Vaníia Vasconcelos Babato

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
 Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
 Telefone: 91992246734  
 E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
 Fone: 984939239  
 E-mail: [Elianapoj@ufpa.br](mailto:Elianapoj@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, declaro ainda que por minha livre vontade, participei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 23 DE Dezembro DE 2022

Vaníia Vasconcelos Babato Gizelma Dias dos Santos  
 Entrevistado (a) Pesquisador, Mediador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Lucivalva de Salsa Velhena

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 99192246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo dela, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 23 DE maio DE 2023

Lucivalva S. Velhena  
Entrevistado/a

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Josneide Ferreira Menezes.

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 91992246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 23 DE Dezembro DE 2022

Josneide Ferreira Menezes Gizelma Dias dos Santos  
Entrevistado(a) Pesquisador, Mediador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Autorização para realizar entrevista.**

Eu Gizelma Dias dos Santos, discente do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Abaetetuba, residente na travessa São Mateus, número 18, bairro Cristo Redentor, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade pesquisa de campo referente ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia.

A pesquisa de campo necessitará realizar entrevistas e rodas de conversas com sujeitos que serão desenvolvidas com a devida aceitação dos sujeitos e do responsável legal, estes aqui referidos são crianças de 06 a 07 anos de idade residente da Comunidade Ramal do Jarumã. Para isso é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação da criança para a realização dela. Vale ressaltar que, a que a qualquer momento, poderão ter acesso ao mediador/pesquisador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão cancelar, a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicação e/ou esclarecimento sobre a construção da pesquisa em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Danielle da Silva Cardozo declaro, como responsável pela criança KAIKE DA SILVA

Autorizo a mesma a participar de entrevistas e rodas de conversas, estando ciente de todas as informações sobre ela. Além de autorizar o uso da imagem e do áudio, a publicação de desenhos, fotos, banco de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 992246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

ABAETETUBA, 25 DE maio DE 2023

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Autorização para realizar entrevista.**

Eu Gizelma Dias dos Santos, discente do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Abaetetuba, residente na travessa São Mateus, número 18, bairro Cristo Redentor, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade pesquisa de campo referente ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia.

A pesquisa de campo necessitará realizar entrevistas e rodas de conversas com sujeitos que serão desenvolvidas com a devida aceitação dos sujeitos e do responsável legal, estes aqui referidos são crianças de 06 a 07 anos de idade residente da Comunidade Ramal do Jarumã. Para isso é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação da criança para a realização dela. Vale ressaltar que, a que a qualquer momento, poderão ter acesso ao mediador/pesquisador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão cancelar, a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicação e/ou esclarecimento sobre a construção da pesquisa em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Viviane dos Santos Carneiro declaro, como responsável pela criança Vinicius dos Santos

Autorizo a mesma a participar de entrevistas e rodas de conversas, estando ciente de todas as informações sobre ela. Além de autorizar o uso da imagem e do áudio, a publicação de desenhos, fotos, banco de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 992246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

ABAETETUBA, 25 DE maio DE 2023

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Maria Rosilda Carvalho Valente

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 91992246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade [ ]

ABAETETUBA, 23 DE Dezembro DE 2022

Maria Rosilda C. Valente  
Entrevistado (a)

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisador, Mediador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Autorização para realizar entrevista.**

Eu Gizelma Dias dos Santos, discente do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Abaetetuba, residente na travessa São Mateus, número 18, bairro Cristo Redentor, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade pesquisa de campo referente ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo e um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia.

A pesquisa de campo necessitará realizar entrevistas e rodas de conversas com sujeitos que serão desenvolvidas com a devida aceitação dos sujeitos e do responsável legal, estes aqui referidos são crianças de 06 a 07 anos de idade residente da Comunidade Ramal do Jarumã. Para isso é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação da criança para a realização dela. Vale ressaltar que, a que a qualquer momento, poderão ter acesso ao mediador/pesquisador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão cancelar, a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicação e/ou esclarecimento sobre a construção da pesquisa em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu Zuridalva de Sousa Vilhena declaro, como responsável pela criança Zuciana Vitória de Sousa

Autorizo a mesma a participar de entrevistas e rodas de conversas, estando ciente de todas as informações sobre ela. Além de autorizar o uso da imagem e do áudio, a publicação de desenhos, fotos, banco de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.

Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.

Telefone: 992246734

E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge

Fone: 984939239

E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

ABAETETUBA, 24 DE maio DE 2023

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**Autorização para realizar entrevista.**

Eu Gizelma Dias dos Santos, discente do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Abaetetuba, residente na travessa São Mateus, número 18, bairro Cristo Redentor, estou desenvolvendo uma pesquisa na modalidade pesquisa de campo referente ao meu trabalho de conclusão de curso (TCC), o qual é parte integrante de meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia.

A pesquisa de campo necessitará realizar entrevistas e rodas de conversas com sujeitos que serão desenvolvidas com a devida aceitação dos sujeitos e do responsável legal, estes aqui referidos são crianças de 06 a 07 anos de idade residente da Comunidade Ramal do Jarumã. Para isso é preciso que os pais e/ou responsáveis autorizem a participação da criança para a realização dela. Vale ressaltar que, a que a qualquer momento, poderão ter acesso ao mediador/pesquisador para esclarecimentos de dúvidas ou até mesmo, por alguma razão cancelar, a autorização concedida e retirar-se do processo. Outrossim, quando acharem necessário os pais e/ou responsáveis poderão solicitar explicação e/ou esclarecimento sobre a construção da pesquisa em contato direto com a coordenadora.

Autorização:

Assim, eu JOSIANE DA SILVA declaro, como responsável pela criança WILLIAN DA SILVA MESQUITA

Autorizo a mesma a participar de entrevistas e rodas de conversas, estando ciente de todas as informações sobre ela. Além de autorizar o uso da imagem e do áudio, a publicação de desenhos, fotos, banco de dados e outros desde que sejam única e exclusivamente para fins acadêmicos.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.

Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.

Telefone: 992246734

E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge

Fone: 984939239

E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

ABAETETUBA, 24 DE maio DE 2023

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) GRACIELA PINHEIRO DIAS

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 91992246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 03 DE novembro DE 2022

Graciele Pinheiro Dias  
Entrevistado (a)

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisador, Mediador



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Priscila da Silva

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim, Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 99192246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo dela, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 23 DE maio DE 2023

Priscila da Silva  
Entrevistado/a

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Manoel Lobato

Esta pesquisa corresponde a entrevista de campo desenvolvida por mim Gizelma Dias dos Santos, como parte metodológica para a obtenção de dados para a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), sendo este trabalho parte integrante do meu processo formativo é um dos requisitos exigidos para a minha formação no curso de pedagogia. Ressalta-se ainda que esta pesquisa conta com a supervisão da Professora Doutora Eliana Pojo Toutonge docente da Faculdade de Educação e Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

A pesquisa se dará por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada de forma presencial e os dados e resultados da pesquisa serão disponibilizados no trabalho final e na exposição deste para a avaliação da banca examinadora tendo sua aprovação. Se a concessão da sua identidade for uma negativa, utilizaremos nomes fictícios para melhor desenvolver a compreensão dos dados. Estamos convidando vossa senhoria para participar, tendo todo direito de aceitar ou não.

Pesquisadora: Gizelma Dias dos Santos.  
Endereço: tv. São Mateus, número 18, Bairro Cristo Redentor.  
Telefone: 99192246734  
E-mail: [gizelmaddias@gmail.com](mailto:gizelmaddias@gmail.com)

Orientadora: Eliana Campos Pojo Toutonge  
Fone: 984939239  
E-mail: [Elianapojo@ufpa.br](mailto:Elianapojo@ufpa.br)

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo dela, declaro ainda que por minha livre vontade, participarei da presente pesquisa.

Aceito a disponibilização da minha identidade

ABAETETUBA, 23 DE maio DE 2023

Manoel Lobato  
Entrevistado/a

Gizelma Dias dos Santos  
Pesquisadora/entrevistadora

## ANEXO 2 – ROTEIROS DE ENTREVISTA

### ENTREVISTA

#### Questões de foco (cultura infantil ) saberes

##### DADOS DA ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Ano escolar:

Nome do responsável:

Grupo familiar:

1. O que você sabe de sua comunidade, do lugar que você mora?
2. O que acontece na comunidade aos fins de semanas? Do que você mais gosta do lugar?
3. O que você conversa com seu colegas?
- 4 Conte como é a sua rotina ? O que você faz durante a semana pela manhã e tarde?
- 5 Qual a sua brincadeira preferida e porquê?
6. O que você mais gosta de fazer?
7. Do que costuma brincar? Em que lugares da comunidade você costuma brincar?
8. A sua mãe deixa você brincar e qual horário ?
9. Relate um pouco de sua vida em casa/sua residencia, quanto tempo reside no local. Como são as relações com os outros membros da família ?
10. O que você acha da escola? Do que brincam? (momentos, brincades etc.) o que você mais gosta na escola?
11. Você tem alguma pergunta a me fazer ?

## ENTREVISTA

### Questões de foco (cultura infantil )

#### DADOS DA ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Ocupação:

Escolaridade:

Tempo que mora na localidade:

1. O que você sabe da comunidade Jarumã (localização, serviços públicos, organização, história etc )?
2. Como você caracteriza a comunidade Jarumã ?
3. Que tipo de organização comunitária há na comunidade?
4. Como era a vida na comunidade antigamente, e hoje, que alterações são visíveis?
5. Que situação cultural, social e econômica são parte da comunidade na atualidade?
6. O que é ser criança pra você ?
7. O que caracteriza o cotidiano das crianças do Jarumã (tempo, atividade, participação, interação) como vivem as crianças da comunidade Jarumã?
8. Relate algo que lhe marcou durante sua infância ?
9. Como vive uma criança do seu tempo? Como se dava os brincares, interações das crianças que são adultas hoje na comunidade (suas brincadeiras, rotinas e interações)?
10. Como pais e/ ou responsável o que você considera importante fazer parte da rotina de uma criança (suas brincadeiras, escola, interações com seus pares, adultos e vizinhos)?
11. Como adulto, (pai e/ou responsável) que ensinamento você transmite às crianças?